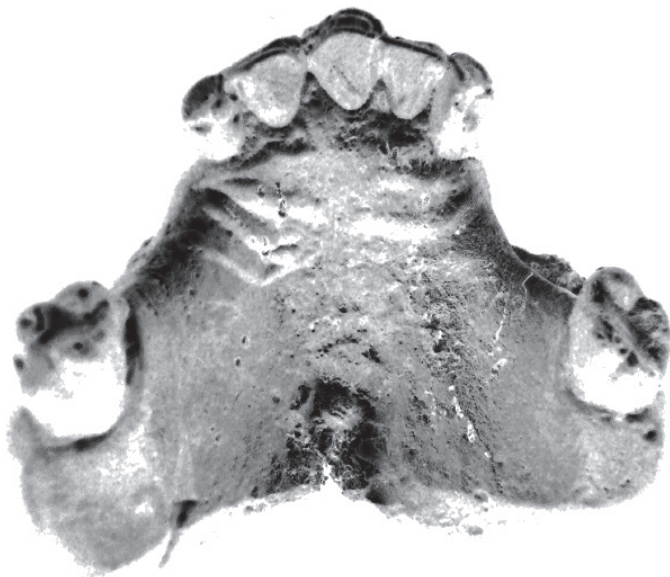




[RMXTXTURA]

Vontade de Potência
≠ Vontade de Poder





Miséria, hanseníase e abandono espreitam Serra Pelada quase trinta anos depois do início da febre do ouro. Restaram casebres abandonados, pessoas perambulando, quais mortos-vivos, numa cidade fantasma ao redor de um grande lago contaminado de mercúrio; o oco. Restaram velhos aposentados, mulheres e a prostituição infantil. O índice de HIV [Vírus da Imunodeficiência Humana] é altíssimo. O gigante ameaçador, percebido no clima tenso do local, está presente a todo o momento. O gigante quer terra, o gigante quer expulsão, o gigante tem papéis e advogados, o gigante tem anuência do poder decisório. O garimpeiro tem apenas uma amarfanhada carteirinha de autorização para exploração de minério e muita tristeza da sua atual situação. O garimpeiro tem, ao lado de si, muitas cooperativas, nem todas bem intencionadas. Muitos não deixam o local simplesmente por vergonha, não teriam condição de encarar seus familiares tantos anos depois, sem nada nas mãos. Regra geral ouvir que sairão sempre pior do que chegaram. Dos poucos que ainda exploram o minério, pouca ou nenhuma esperança. O olhar vago de um gaúcho à espera de um hipotético sócio — com dois meses de máquinas paradas — e de um também hipotético veio riquíssimo debaixo de poucos metros de rocha diz tudo.

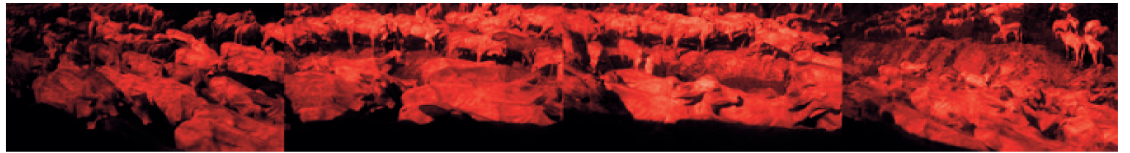
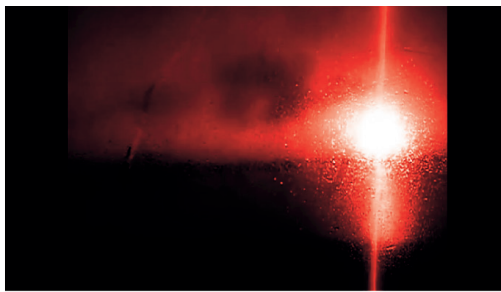
Depois de morto, roubaram-lhe a dentadura. Eis o nosso rei destronado, devolvido à sua solidão, fraco e pobre como o mais fraco e mais pobre dos seres.

[Comentário sobre o personagem Boca de Ouro, da peça homônima de Nelson Rodrigues]

Noventa mil homens, como insetos de uma gigante colônia a céu aberto, tiveram a capacidade de revolver inteiramente uma montanha! A montanha foi a Maomé! A montanha se curvou ao desejo e à cobiça. Cobiça, mãe-rainha desta colônia iracunda, deusa filicida. Rabos de dinheiro, viagens de teco-teco, em que o passageiro era apenas um chapéu prosaicamente esquecido. Mulheres, cachaça e muita coragem. “Bamburrar” foi para poucos; manter a fortuna, para pouquíssimos. Muita morte para que a montanha mantivesse suas vísceras à mostra. Reza a lenda que, em montanha que não é banhada por sangue, ouro não brota.

Muita expectativa, pouca esperança. É comum a todos que vão à Serra Pelada perceber que aquele momento é um momento especial; algo de positivo irá acontecer brevemente; vã expectativa! Tudo retorna ao mesmo lugar: o lugar da espera, da desesperança. Como tatus cegos, que fuçam incessantemente a terra, esses homens não abandonam o sonho do ouro. Aquela cava submersa é ainda o jardim de rosas onde Midas acolheu o velho sátiro Sileno, mestre e pai de Ovídio.

A morte paira na atmosfera de tudo. Por que fazer um vídeo de Serra Pelada e de seus mortos-vivos? Reter suas dentaduras, suas bocarras? Por que gravar, aprisionar a ira de Baco vingativo? Esta boca-ânus ancestral. Prazer e gozo. Lembrança de fezes e chocolate. Insetos e morte. Devoradora criatura que se deixa devorar sem fim, mãe-rainha deste golfento formigueiro. Por que aprisionar a ira do Baco ancestral? Uma ode aos primeiros vermes-insetos que irão comer nossas carnes frias. Seremos nós os garimpeiros cegos a fuçar a lama da cobiça? Onde estarão as rosas do jardim? Seremos nós o gigante ameaçador? Ou seremos todos o Midas eterno — orelhas de burro — em miséria, lepra e abandono?



"... era já o rio Xingu ... estava aquele de que tanto pensávamos em noites perdidas na frente de textos, livros ... do lado e ao mesmo tempo a milhões de km de distância ... "Entraram em greve ali, vocês não vão passar!" Fora Liber, prefeito de Vitoria do Xingu!" ... não era uma greve, era um grito ... Aqui! Aqui! ... o normal enquadra nossa mente, o virar cotidiano que só sentes quando estás com a pele sendo queimada ... O prefeito! Palmas ao prefeito!? ... O primeiro ladrão, o maior ... Roubou 17 milhões de uma cidadezinha pequena ... não foi preso e ainda continua na prefeitura... chutes e mais chutes no íntimo de uma população ... tirem toda essa corja do poder! ... Foram descansar depois de um dia todo, parados, ali. Depois de uma vitória(?), mais uma audiência? Ministério público? Aí retorno inicio da senten

Gado.
Gente (?)
Trator.
Caminhão.
Rastros na terra.
Vermelho em todos os cantos.
Azul.
Verde.
Gado.
Gente (?)

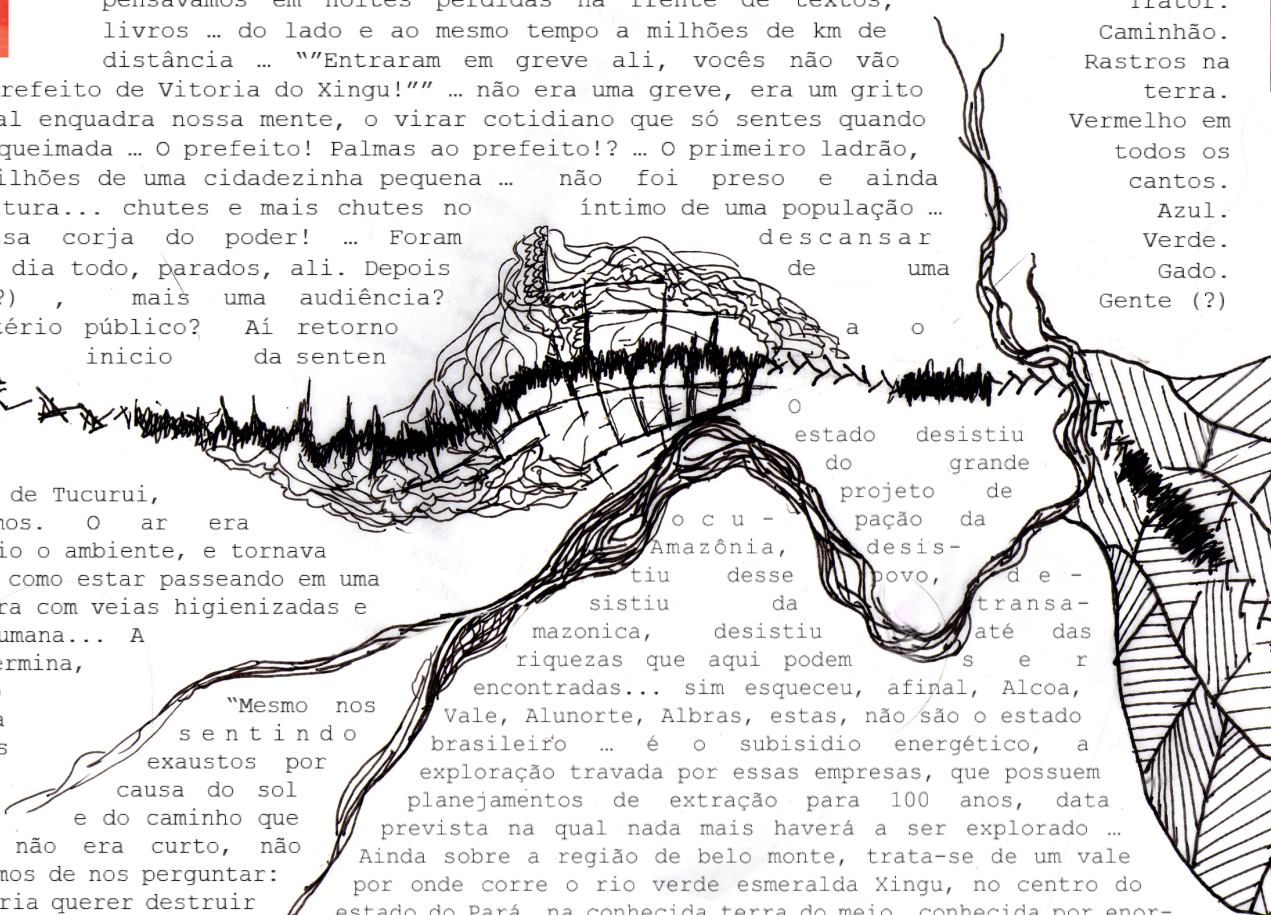
Alguém em algum lugar do ônibus grita que estamos na hidroelétrica de Tucuruí, e aí, todos acordamos. O ar era condicionado, deixava frio o ambiente, e tornava a sensação geral em algo como estar passeando em uma grande construção de pedra com veias higienizadas e vazias de tecnologia humana... A curva termina. O túnel termina, e no horizonte o sol e o grande lago surgem na janela embaçada. Quantas almas do norte engolidas por kilowatts...

... não era curto, não parávamos de nos perguntar:

Por que alguém iria querer destruir aquele lugar? ... As pessoas sorriam para nós ... inocentes no meio de um furacão ... irão morar em Altamira bem longe do rio... voltamos ao nosso posto de origem: A ocupação ... continuamos a nos perder na vista ... Nas árvores e na terra batida"

"Mesmo nos sentindo exaustos por causa do sol e do caminho que não era curto, não parávamos de nos perguntar: Por que alguém iria querer destruir aquele lugar? ... As pessoas sorriam para nós ... inocentes no meio de um furacão ... irão morar em Altamira bem longe do rio... voltamos ao nosso posto de origem: A ocupação ... continuamos a nos perder na vista ... Nas árvores e na terra batida"

O estado desistiu do grande projeto de ocupação da Amazônia, desistiu desse povo, desistiu da transamazônica, desistiu até das riquezas que aqui podem ser encontradas... sim esqueceu, afinal, Alcoa, Vale, Alunorte, Albras, estas, não são o estado brasileiro ... é o subsídio energético, a exploração travada por essas empresas, que possuem planejamentos de extração para 100 anos, data prevista na qual nada mais haverá a ser explorado ... Ainda sobre a região de belo monte, trata-se de um vale por onde corre o rio verde esmeralda Xingu, no centro do estado do Pará, na conhecida terra do meio, conhecida por enormes índices de assassinato, históricos conflitos de terra, pisto-lagem, trabalho escravo, extração ilegal de madeira, fome e miséria, é nesse quadro que vivem e habitam os povos das cidades e comunidades da região do Xingu, os indígenas, que em tese viveriam no sossego de suas reservas e agora são ameaçados... Norte energia x energia revolucionária. Estamos cansados, e não se trata do cansaço transamazônico, de barro, balsa e calor, estamos cansados da burguesia e desse estado movido pelo interesse do capital, da sua reprodução, como algo separado da humanidade, e acima dela. O desenvolvimento tem que ser humano! Dinheiro é um papel, como o mandato queimado ao fim da ação. O mundo inteiro reduzido a



TERRA DO MEIO ZONA DE GUERRA

na escuridão, fomos caminhando em direção ao que ainda nos era o canto dos Kaiapó nos guiava pela estrada, fazia um pouco de frio começava a aparecer sobre nós. Era impossível para mim não me emocionar diante da imprevisão e dimensão dos ocorridos... "O que vai acontecer?", pequenos ensaios migravam na minha cabeça.



De quem é a autoridade de tirar essas pessoas de suas terras com (falso) pretexto de bem maior e jogá-las sem a mínima infraestrutura numa cidade qualquer, à espera da sorte, de pernas pro ar? O Estado com todo seu aparato de governo mais uma vez se mostra que não governa para maioria de seus cidadãos, e mais uma vez mostra a face de terror a eles. A espada desembainhada do Leviatã pronta para acometer o golpe...

... não seremos passivos nessa hora!

Incêndio! Incêndio! Queimem as burocracias, kistch políticos, lados inexistente de uma mesma moeda. Incêndio! Incêndio! Queimem as letras rebuscadas em palavras que não se compreendem e faz-se força para entender. Incêndio!

matéria prima, é isso que o tecnociencialismo promoveu e determinou. O resto é romantismo, o que sobra vira folclore. E a parte do homem que forma com a natureza o mundo, a realidade das coisas, a existência? Por acaso o homem não é mundo?? Vamos todos tudo ser mercadoria?? Eis que surge a resposta de "porque marchamos?" Entende o que quero dizer?



Incêndio!
Incêndio!

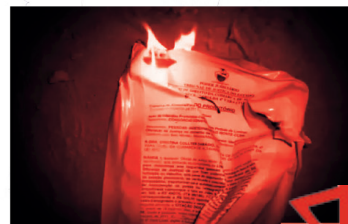
Anapu é isso. É a travessia. A balsa. O rio. As crianças. O brincar. O nadar. A sinuca.

motoqueiros são
vaqueiros

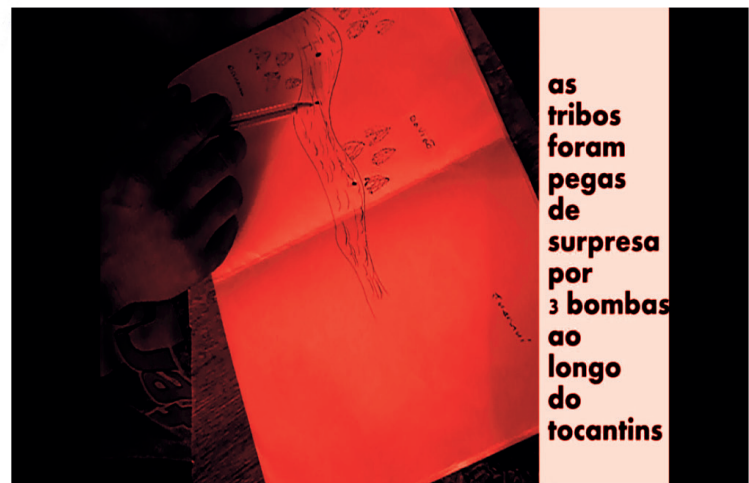
Amanhecia, e ainda desconhecido só
e o sol

...Estamos na transamazônica. Invenção progressista da década de 70 ... Nenhum governo até hoje venceu a floresta ... A estrada é uma ferida aberta na floresta, que sangra, e mancha todo o entorno, suja o verde de barro, o verde de vermelho... A floresta sobe, e a estrada é péssima ... "se chover pode parar e esperar porque não vai mais" ... pessoas vivem a margem da transamazônica. Algumas poucas pessoas e muitas centenas de cabeças de gado ... a concentração de terra é status quo ... Terra a perder de vista. Terras do meio. Tantas e de tão poucos. Terras vermelhas de sangue, sangue de extermínio, sangue de massacre.

Não estamos na floresta. Novo Repartimento é o neocangaço personificado. A cidade é pobre mas não existem carros populares, somente motos e caminhonetes, e é claro, os caminhões, que passam levando poeira e toras de madeira do tamanho de prédios para todas as direções. Os



EDUARDO, pescador, residente a 30 anos na região do Xingú será remanejado por uma indenização provávelmente milionária, ainda desconhecida, e porque não se buscará mais no Xingú? **POS BARRAGEM**



as tribos foram pegadas de surpresa por 3 bombas ao longo do tocantins



MAPAZÔNIA

Amazônia é do Brasil ou é brasil? Amazônia terra de exploração? Pensamos que querem que sim. Ou melhor, que é assim, e sendo assim, do Brasil. Os planos de desenvolvimento são claros: a Amazônia como fronteira tropical fornecedora de matérias-primas para a região moderna do país. Somos colonizados, mas somos os revoltosos*. Como diria um de nós: fomos catequizados e traídos. Agora somos os traidores. Desertores na linha de fuga do vôo da bruxa, a partir da micro realidade individual-coletiva de Belém.

Hidroelétricas, madeira, gado, soja. Exportação para fora ou para dentro, que no nosso ponto de vista também é fora. A relação metrópole colônia continua sendo reproduzida interna e externamente, regida pela balança econômica especulativa, pautada na histeria do superávit, que torna a realidade a sua própria ficção. Tentamos nesta cartografia um desvelamento, e se, com isso criamos uma outra ficção, ao menos criamos o embate, um contra discurso a hegemônica construção identitária imposta pelos meios de massa. O olho que tudo vê só enxerga o que quer, e a boca amplificada só reverbera o que lhe é interessante. Quando o corpo que geme não é o corpo que sente, inviabiliza-se uma autobiografia possível para a imposição de uma biografia cega, falseada, distorcida e tendenciosa... e seguem-se as devastações e as matanças.

Com uma péssima receita de bolo, que começa desde os portugueses, passando pelos milicos e seus planos de desenvolvimento egoícos e megalomaniacos. Seja com o Radam que contribuiu muito mais para a escolha das melhores terras e suas tomadas, legal ou ilegalmente, seja nas diversas hidroelétricas a serviço das multinacionais mineradoras. E é esse o plano de desenvolvimento para a Amazônia? Isso é o melhor para o Brasil? É melhor também pra Amazônia? Pensamos que não. Tais planejamentos são ora abstratos ora irresponsáveis. Os resíduos coletados denotam a história as avessas, avessa porque de dentro. Amazônidas falando do seu lugar, sobre o seu lugar, do micro-coletivo ao macrocosmo amazônida. Somos um bando e o mapa é o nosso manifesto!

O progresso aqui não traz progresso, nem soluções. Traz doenças, mortes, conflitos de terra, desmatamento, inchaço populacional, alargamento dos bolsões de miséria, impunidade e pouco lucro. Pouco porque para poucos. As cifras são impressionantes, mas em que bolsos estão? Estamos sendo engolidos, estuprados, saqueados e ignorados! São motivos suficientes para o levante.





O mapazônia é antes de tudo uma materialização poética ou, para melhor dizer, poe(lí)tica, pois o discurso contido na forma não é alienígena a realidade de seus autores, pelo contrário, a realidade amazônica é nosso motivo, e no seus tentáculos orbitamos. Um mapa tenta descrever-narrar um espaço, espaço afetivo, físico, psicológico, visível e invisível. Propomos aqui uma narrativa cartográfica entrecortada de resíduos históricos, perspectivas políticas e processos poéticos para tentar abarcar as consequências estruturais, físicas e sociais de uma região desde sempre a serviço do mercado, um lugar preso ao mercantilismo colonial, escondido por de traz do discurso positivista do progresso.

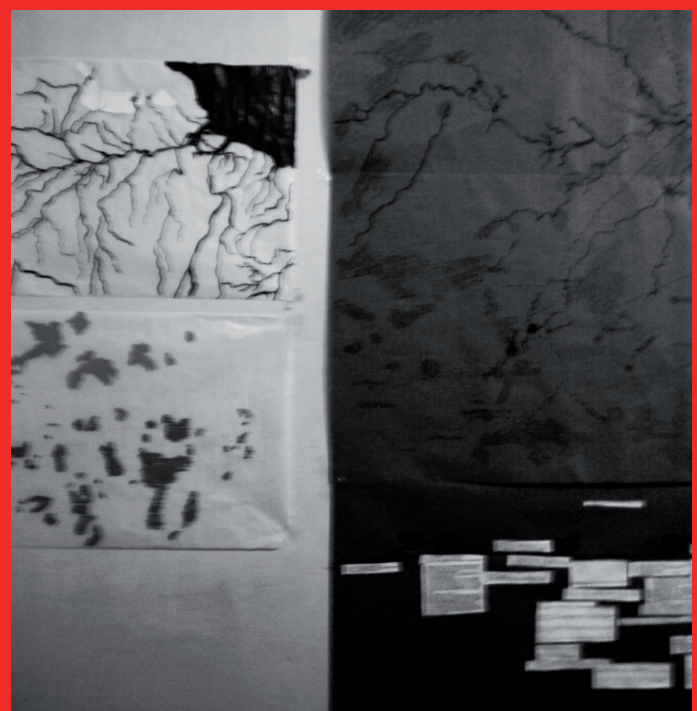
Como "todo", tecemos uma macrovisão política da região confrontando os símbolos catastróficos do desenvolvimentismo com as formas de resistência nativas. Falamos o que a mídia de massa não fala. Contestamos a identidade a nós atribuída. O Mapazônia é um relato denúncia! O faz tanto na pesquisa histórica que materializa na linha do tempo as diversas etapas dessa construção progressista destruidora, quanto na dimensão imagética-gráfica, deflagrando os diversos pontos de tensão entre o colonizador e o colonizado, entre a busca da modernidade ocidental, onde todo o mundo é matéria-prima a ser explorada, e a cultura dos povos

da floresta, de integração e harmonia com a natureza.

Na leitura do mapa, as empreiteiras, as mineradoras, os pólos madeireiros, as áreas de grilagem, e todas os sintomas do câncer que é para nós esse tal progresso. Planos de energia, planos de desenvolvimento x resistências humanas, graficamente ilustradas, em uma superfície sem sentido fixo, onde se pode entrar e sair por qualquer ponto, acompanhando a geopolítica caótica de um espaço de luta, e é justamente desse lugar de resistência que surge esse trabalho como contra-golpe aos maioranas e aos barbalhos, a Vale e seus empresários, Alcoa, Albras, Icomi, Orsa, Cargill, Eletronorte e seus políticos comprados, a morte de Chico Mendes e o massacre em Eldorado. Há pedaços da história que não podem ser apagados, o relato, a denúncia, o resgate são nossas trincheiras poelíticas.

Eis uma outra história possível da amazônia hoje, a quem interessar possa...

*Texto-Manifesto Escrito por
Hugo Nascimento e Luah Sampaio*



UHE Belo Monte - Mau me Quer!
Fundação Lucia Gomes, 2011



#Vontade de Potência ≠ Vontade de Poder



PLAN IIRSA

Refer

- Via
flu
- Co
de
- Hi
- Re
- Pri
pu
- ◐ Co
de

VENEZUELA 1989: Protestas populares contra el alza de precios, conocidas como el Caracazo 1993: Fundación de la Organización Regional de Pueblos Indígenas de Amazonas (ORPIA) 1998: Victoria de Hugo Chávez en las elecciones presidenciales 1999: Nace el Movimiento de Mujeres Manuela Sáenz 2002: Intento de golpe de Estado contra Chávez 2004: Se crea la Alianza Bolivariana para los pueblos de nuestra América - Tratado de Comercio de los Pueblos (ALBA) 2005: Todas las bancas en el parlamento son ganadas por partidos chavistas tras el retiro de la oposición del proceso electoral 2006: Organización e impulso Partido Socialista del Povo de Venezuela 2008: Se firma el tratado de la Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR) 2009: Encuentro Nacional de Mujeres 2010: Delegaciones de 43 pueblos indígenas demandan que sus derechos sean respetados por el gobierno.

NICARAGUA 3-1979: Las distintas facciones sandinistas arman un acuerdo de unidad para lanzar la ofensiva final contra la dictadura de Somoza **1979:** Revolución sandinista pone fin a dictadura de la familia Somoza que duró más que cuarenta años. La guerra civil deja más de 50 mil muertos **1979-1980:** Cruzada contra el analfabetismo **1980-1984:** Reforma agraria **1982-1990:** Se estima que los EEUU bajo

VIOLENCIA CONTRA LA MUJER En conmemoración de
asesinato de las tres hermanas Mirabal, activistas
políticas dominicanas, por órdenes del dictador
dominicano Rafael Leónidas Trujillo **DICIEMBRE 10: DÍA
DE LOS DERECHOS HUMANOS** Se conmemora que en
1948 se aprueba y proclama la Declaración de los
Derechos Humanos.

GUATEMALA 1960-1996: Guerra civil resulta 200 mil muertos, y desplaza a un millón y medio personas **1980:** La violencia por parte del régimen intensifica (con el apoyo de los EEUU) resultando

COSTA RICA 1979-1982: Movimiento campesino se moviliza por la tierra 1983-1990: Estallido organizativo de sectores campesinos, se fundan 126 organizaciones 2007: Mayor movilización en contra del TLC 2010: Gran movilización estudiantil contra el recorte del presupuesto universitario. Se aprueba una reforma legal que declara al

BRASIL: 1979: Primera ocupación de tierra por el Movimiento de Trabajadores Rurales sin Tierra (MST)
1980: Fundación del Partido dos Trabalhadores (PT)
1984: Gran manifestación en Sao Paulo por elecciones directas
1988: se aprueba la Constitución Democrática
1989-2004: Presupuesto Participativo, Porto Alegre
1991: Surge el Movimiento de Damificados por las represalias
1992: Manifestaciones de los caras pintadas
1997: Surge Movimiento sin Techo
2001-2003 y 2005: Social Mundial en Porto Alegre
2002: Líder sindicalista da Silva gana elecciones presidenciales
2003: Gran Ma

Quinientos años después de la conquista persiste el **poder colonial** en nuestras sociedades en la continuidad de la desvaloración de nuestras raíces no occidentales, el racismo, y la discriminación y explotación de los pueblos indígenas y afro-descendientes. Por síglos resistimos a la opresión defendiendo nuestra cultura y dignidad. Hoy en día, desde el diálogo y la articulación entre los movimientos, surge la demanda de la descolonización en todas las dimensiones de la vida, refundando Nuestra América desde su gran diversidad y sabiduría, con Estados y sociedades que respeten las formas de vida de los pueblos, sin racismo ni discriminación de ningún tipo.

	Flora natural		Zonas altamente contaminadas		Bases USA
	Hidrocarburos		Mina a cielo abierto		IV FIC USA
	Minerales		Fumigaciones		Conflictos narcos
	Soja transgénica		Depredación pesquera		Migraciones forzadas
	Monocultivo forestal		Represas		Trata de personas
	Deforestación		Militarización, paramilitarización y control autoritario		Feminicidio y violencia contra la mujer

CRONOLOGIA GRANDE

#Vontade de Potência ≠ Vontade de Poder

Descolonizar

TATIANA WELLS

Tendo como sul nossa mutante história de saque e re-significações - em enxames de caravelas, cruzeiros, minérios, pecuária, patriarcado, escravidão -, a nova geografia de nosso continente se redesenha, para dentro de si mesma; troca de pele neste ano da serpente. Aos poucos, acordamos do pesado sono, sendo outras.

Assim, entre dois mundos, negamos os valores da vida humana como parâmetro único, mesmo que se apresentem como novos, hi-tech e ecológicos; no entanto, cada vez mais dispendiosos energeticamente, intrusivos e mortíferos; tubos de petróleo entupindo as artérias da terra; cimento, as das águas; quilômetros a dentro da superfície terrestre, no coração da selva, no horizonte - um dia guia - do pescador.

Como as águas que desgelam dos Andes com força total, desconhecendo fronteiras, baixando por entre vulcões e planícies, criando a Amazônia continental, então capturada em sua potência natural para abrigar a mais nova fonte alimentadora dos caprichos artificiais das cidades maravilhas - hidrelétrica, moeda de câmbio climático. Já as capitais orientadas aos estranhos e familiares (patriarcais, severos, bélicos) desejos do entretenimento comercial global, em mais uma etapa de expulsão daqueles já desterritorializados. Êxodo e genocídio por todo lugar, da espécie humana, animal e vegetal.

Belo Monte e Copa do Mundo - irmãos bastardos da nossa ignorância, de nossa despossessão de saberes e fazeres ancestrais, tudo o que havia antes do capitalismo, da colonização, sob o mesmo modelo desenvolvimentista-a-todo-custo. Patrimônio genético, cultural, saúde e modelos conjurados junto com os habitantes locais, simplesmente descartados.

As possíveis ferramentas de nossa descolonização estão não somente em resistir, barrar, frear os processos ditos como inescapáveis, mas também, paralelamente, reconstruir todas as categorias em que nossa racionalidade foi edificada, nossa identidade pseudo burguesa, nascida de estupro, que imita, de forma ridícula, sua ex-colônia, traumatizada, oprimindo.

Nossa identidade vira-lata nos permite operar nesse campo das ciências menores, experimentais, e o passo atrás é o mais importante. Todas as comunidades tiveram que traduzir - a dizer, reduzir, homogeneizar, generalizar - seus valores em mercadorias e isolá-las de sua esfera de produção e sua esfera de desejo. A cultura trazida em livros que nunca lemos foi nos dividindo entre mundo interior e mundo exterior; separando consciência (ou conhecimento) e crença; expulsando, com esse mesmo gesto, todos os corpos e todas as forças que povoavam esses mundos. Encontramo-nos agora entre o desejo e a necessidade desse devir outro, ao nos sentir anteceditos. Nossa história sendo bricolada, antropofagizamos, tropicalizamos, metareciclamos, digitofagizamos, no sentido de nunca nos tornarmos fixos, provocando sempre um fluxo necessário ao movimento e à mudança. Tanto nossa ancestralidade quanto nosso futuro imaginário estão aqui, agora, entre nós, em nossos re-enraizamentos.

Juntamo-nos às pessoas de cor, imigrantes, mulheres, todas as pessoas cujas experiências de vida, memórias, línguas e categorias de pensamento foram substituídas por outras. Como a permacultura latina - resgate dos conhecimentos ameríndios, tecnologias ancestrais, apropriadas; novas cartografias afetivas, na necessária reconstrução das nossas histórias locais, novas peles e traçados; redes vivas de colaboração, que fomentam a troca como as comunidades de softwares livres, sementes nativas, mingas, mutirões, encontros para a troca de conhecimentos e reconhecimento de lutas; marchas, mobilizações populares. Essa é a nossa corporal política, uma sensibilidade fronteiriça, em desobediência epistêmica, desprendendo-se das teorias e fazeres do mundo que se apresenta como “moderno”.

Aos projetos de aceleração do crescimento, rainha dos olhos da súdita-capitã de nossa nação atual, dizemos e agimos em nossas micropolíticas: não, não queremos. É com terra, sementes, espiritualidade, arte, bicimáquinas e linux que regressamos ao nosso continente.

Não há uma opção digna que não contenha simultaneamente a liberdade e o decrescer.

**SOMOS TODOS ÍNDIXS*, MESTIÇOS,
NÃO HÁ O QUE TEMER,
APENAS A NOSSA OMISSÃO**

* O X UTILIZADO REPRESENTA A MULTIPLICIDADE DE GÊNEROS

O lab de cartografias se deu num momento de reconhecimento de iniciativas que giravam em torno do mesmo tema: megaeventos, megaprojetos, remoções ocorrendo por conta da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas em 2016, no Rio de Janeiro, re-desenhos do espaço urbano, militarização, respectivas resistências. Paralelo ao encontro no Rio, oficinas de cartografia se deram em Medellin, por ocasião do primeiro encontro Labsurlab, e em Belém e Santarém, junto à iniciativa Hacklab, todas, de certa forma, relacionadas já há algumas pessoas e coletivos que traziam suas experiências de um encontro a outro, fortalecendo um sentimento de rede e experimentação.

À época do laboratório (setembro de 2011), a cidade passava por uma série de derrotas, com as re-integrações de posse, de ocupações de moradia, e culturais (squats), como os Guerreiros Urbanos e Flor do Asfalto; enfrentava ainda a destruição de casas, como em Estradinha, e a total eliminação de comunidades, como Vila Harmonia, na zona oeste do Rio de Janeiro. Processos de resistência foram engendrados por toda a cidade, com reuniões semanais para acompanhamento dos processos de remoção, como o conselho popular, que recebe dezenas de pessoas que vêm procurar orientação para levar às suas comunidades, quando suas casas são pichadas pela Secretaria Municipal de Habitação – SMH, ou quando são somente informadas que terão de deixá-las (lugares que vivem por mais de 40, 50, 80 anos de forma autônoma); ou ainda como o comitê da Copa, que monitora, principalmente, a área central da cidade, onde se pretende que ocorra a maior das transformações; é como ocorre em outras cidades que sediarão a Copa do Mundo.

A iniciativa do encontro surgiu desde um espaço chamado ip://, que, à época, ocupava uma casa no Morro da Conceição, uma mistura de mídia lab, ocupa e lugar de oficinas livres relacionadas, principalmente, a tecnologias livres, arte e comunicação. Por um mês, foram conjurados encontros abertos, em que os temas cartografia e remoções foram discutidos exaustivamente com um coletivo organizador, formado por uma média de 10 a 30 pessoas. Durante o encontro, além da exposição das resistências em curso e das plataformas de trabalho colaborativas; do planejamento de ações de mídia tática e exibição de filmes relacionados ao tema; de oficinas por Skype, com o coletivo Iconoclasistas, e outras sobre redes livres; comida viva, cartografia com softwares livres e balões; uma agenda de trabalho conjunto foi traçada até o ano de 2014 (pelo menos, visto que o que acontece é só o princípio do que está por vir).

Algumas das iniciativas que se agruparam durante o encontro, que surgiram logo antes, durante ou logo após (influenciadas) pelo encontro:

cidade olimpica - <http://cidadeolimpica.info> (sítio paródia do original .com)

deriva maravilha (caminhada pela cidade do rio observando os processos de re-configuração geográfica totalitária em curso)

cartografia vila autódromo (cartografia feita com crianças da comunidade)

reconstrução estradinha ja (campanha de reconstrução da comunidade junto a arquitetos e locais)

olimpicleaks - <http://olimpicleaks.midiatatica.info> (sítio com informações oficiais - cartas de desoejo, tabela de indenizações, relatos, processos judiciais - a respeito das remoções)

rio 40 kaos - <http://rio40caos.com> (sítio de mídia tática sobre a questão das remoções entre outros processos de “desenvolvimento” da cidade)

rio toxico - <http://riotoxico.hotglue.me> (caminhada pelos pontos de tensão ecológica como mineradoras etc na cidade durante a rio+20)

distopia - (filme sobre a questão das remoções no rio de janeiro)

fronteiras imaginarias culturais (sítio experimental de cartografias afetivas)

rio diagnostico (análise cultural e política dos processos em curso atualmente na cidade feita pelo coletivo colombiano antena mutante que possui experiências similares em seu local de origem)

pela moradia - <http://pelamoradia.wordpress.com> (sítio sobre a questão da moradia no brasil)

comite popular da copa e olimpíadas (comitê organizador de encontros semanais e ações com pessoas afetadas pelos processos de remoções na zona portuária do rio de janeiro)

conselho popular - <http://conselhpopulard.wordpress.com> (comitê organizador de encontros semanais e ações com pessoas afetadas pelos processos de remoções no rio de janeiro)

ocupa rio - <http://ocupa-rio.org> (ação quase que simultânea ao lab que se beneficiou das pessoas e ações já engendradas para o encontro)

dia de saturno - <http://> (festa de despedida do ip:// em que o tema das remoções novamente foi pauta já que atingia o próprio coletivo)

mnlm (movimento nacional de luta pela moradia)

Logo após o lab de cartografias, o espaço ip://, que havia recém planejado ocupar o galpão para o encontro e pretendia manter o espaço aberto para atividades, foi tomado por pressões oriundas da especulação imobiliária no Morro da Conceição, muito provavelmente por ter sido, justamente, o espaço aglutinador de iniciativas afins ao tema remoção, sendo, assim, mais uma de suas vítimas.

Cartografia: carta + -o- + -grafia, proveniente por inflexão do francês. cartographie (1832 sob a f. chartographie) 'id.', (1838 sob a forma cartographie) 'id.', de carte (t. de geografia) + -graphie;

Insurgente: do latim insúrgens, éntis, participio presente de insurgere 'levantar-se sobre, elevar-se';

Enquanto o verbete 'cartografia' está cada dia mais em voga, a palavra 'insurgência', tão distante do uso coloquial, parece ter sido redescoberta. No Rio de Janeiro, a emergência de uma nova forma de governança global das cidades aportou massacrante, passando por remoções forçadas, reconfiguração do espaço da cidade, e nenhuma consulta popular a respeito dos novos fluxos de pessoas, valores e idéias. Esta é apenas uma mostra do que será o legado dos chamados megaeventos (copa 2014, olimpíadas 2016) à cidade maravilhosa.

Em setembro de 2011 o Morro da Conceição, na Zona Portuária do Rio de Janeiro, abrigou um encontro para investigação de espaços de ruptura e desestabilização de significados. A idéia sugerida foi a da reunião de saberes em torno da criação de novos mapas críticos+afetivos que dessem conta não apenas das mudanças em curso, mas conseguissem expressar a potência verdadeiramente criativa da cidade, aquela sob a qual repousa seu fazer diário: a Megadinâmica dos Pobres.

ESTRATÉGIAS DO DESEJO

Pesquisadores, participantes de movimentos sociais, a[r]tistas, squatters, produtores culturais, comunicadores, trabalhadores autônomos, precários & simpatizantes formaram um grupo bastante heterogêneo cujas propostas e ações tiveram lugar em uma semana de pré-laboratório e dois dias de encontro intensivo.

Sob o guarda-chuva do coletivo IP://, representantes de coletivos como Acidade, Antena Mutante, Mídia Tática, Rio 40 Caos, Hackitetura e Universidade Nômade proporcionaram a construção de um espaço de convergência para a aproximação das propostas de cartografia com as comunidades e organizações que tratam do tema das remoções, assim como a aproximação das próprias organizações – a troca de expectativas, sonhos, desejos.

O chamado pré-lab contou com atividades&oficinas tão variadas quanto a composição do encontro: cartografia com pipas; redes sociais livres; comida viva; uma deriva pela região do futuro 'porto-maravilha'; e bate-papos que se estendiam noite a fora, cobrindo vasto perímetro e saindo

da Rua Jogo da Bola, passando pela Pedra do Sal, Morro da Providência, Vila Autódromo, Quilombo do Campinho, Tabajaras, Lapa-Central, Cali, Gijón, Belém, Santarém, entre outros caminhos.

No sábado, a apresentação de ferramentas como o FIC¹, englobando os relatos de pessoas que já passaram pela experiência coletiva da criação de alguns dos mapas que compõem o projeto², e o papo via web com os argentinos do Iconoclastas³, foram os pontos altos do primeiro dia, lotando a casa.

O domingo abriu com o mesmo sol generoso do dia anterior, e assim, foi publicamente lançado o Olimpi(c)leaks⁴, site que copia documentos oficiais, links, imagens e vídeos sobre o atual processo de remoções, com especial atenção ao caso carioca. A ideia é transformá-lo num espaço de divulgação e denúncia, mas também de contraposição de discursos, apresentando a situação de um lugar que a mídia corporativa não quer alcançar. No mais, o dia correu como previsto, com a formação de três grupos de trabalho cuja intenção seria ultrapassar o espaço-tempo do laboratório, amadurecendo as investigações: um grupo se ateve a dinâmica de transformação da Zona Portuária; um segundo focalizou as energias nas lutas em curso em duas comunidades - Vila Autódromo e Estradinha; e um terceiro propôs pensar a criação iconográfica mais adequada para composição dos mapas.

Para fechar o encontro, o grupo Anarcofunk trouxe a vitalidade de suas letras e ritmo, selando assim a congregação geral e a criação de nós para desenvolvimento dos caminhos a seguir.

1 "A plataforma Web FIC - Fronteiras Imaginárias Culturais - visa ser uma base de dados de conteúdos agrupados por mapas, retratando aspectos culturais de diferentes comunidades e coletivos, através de registro multimídia. Os mapas cognitivos, também entendidos como mapas mentais, mapa êmicos, psicogeografia ou cartografia social e imaginativa, podem ser apreendidos como representações gráficas de conjuntos de representações discursivas, contudo acreditamos que os mapas cognitivos extrapolam o campo da representação e abrem o horizonte das possibilidades, criam uma forma de reapreender o mundo segundo o registro da criação." Fonte: <http://fronteirasimaginarias.org>

2 <http://fronteirasimaginarias.org/mapas>

3 <http://iconoclastas.com.ar/>

4 <http://olimpicleaks.midiatatica.info/>



OCCUPY LABORATÓRIO

Mesmo com a força do encontro promovido pelo Lab de Cartografias, a composição e os espaços de investigação mantiveram-se restritos por questões demasiado humanas. No entanto, a despeito desse pequeno ponto de convergência fluminense, a conjuntura global confluuiu para a criação de um espaço de discussões riquíssimo: o Movimento Occupy⁵, fruto da ocupação de praças por movimentos multitudinários, deu a tônica ao debate político durante o ano de 2011. Neste contexto, o Rio de Janeiro viu florescer a Ocupação da Cinelândia, cujo caráter único e ao mesmo tempo múltiplo, intrigou e atraiu⁶ um grande número de pessoas e opiniões. A ocupação permanente do espaço da praça chegou a ter mais de 100 barracas, abrigando estudantes, discussões, moradores de rua, leituras, aulas, atividades e assembleias públicas pensando a construção de novos espaços de representatividade e participação política. O Laboratório de Cartografias Insurgentes esteve presente e acompanhou de perto a autoformação deste monstro. A carne da multidão mostrando com toda a potência que “embaixo da pele, o corpo é uma máquina a ferver”.

O também chamado Ocupario durou pouco mais de um mês no tempo-do-capital⁷, mas ainda reverbera no tempo-do-desejo e em iniciativas como o Ocupa Teoria⁸, grupo surgido na acampada e que tem organizado ciclos de discussões horizontais sobre temas como propriedade, identidade, representatividade e variações sobre o conceito de comum, intentando a ocupação temporária das praças a cada final de ciclo, levando as discussões até as pessoas e levando as pessoas até a discussão.

Em dezessete de dezembro passado comemorou-se com intensa programação – mesmo sem as barracas, removidas duas semanas antes – um ano que na cidade de Sidi Bouzid, Tunísia, Tarek Bin Tayeb Bouazizi, mais conhecido como Mohamed Bouazizi, um jovem ambulante de 27 anos, saiu para o trabalho e combinou com seu tio e padrasto que fosse buscá-lo às 11h para irem juntos rezar. No decorrer da manhã Mohamed ficou furioso porque confiscaram sua mercadoria. Ele foi 3 vezes a prefeitura, reclamou, chorou, mas ninguém o ouviu, ninguém quis ajudá-lo. Ele não sabia o que fazer. A única coisa que ele queria era que lhe devolvessem as frutas, mas Fayda Hamdi, a fiscal que o atendeu disse que as tinha dado a uma entidade de caridade e não podia fazer nada por ele. Dizem que foi nesse momento que ela lhe deu um tapa na cara. Em frente à prefeitura, Mohamed subiu no seu carro de frutas, com um líquido na mão, provavelmente gasolina, derramou-

5 http://en.wikipedia.org/wiki/Occupy_movement

6 <http://www.quadradosoloucos.com.br/2064/ocupario-e-muitos/>

7 <http://www.quadradosoloucos.com.br/2136/um-mes-de-ocupario/>

8 <http://ocupateoria.wordpress.com/>

o na cabeça e ateou fogo. Um amigo tentou contê-lo antes, mas ele dizia: "Não se envolva. Respeite-me."

Depois desse episódio as praças da Tunísia foram ocupadas e logo depois as praças de todo o mundo também. É com essa energia que um chamado global está sendo feito para a reocupação das praças em doze de maio. Que a globalidade das lutas siga se corporificando. E continue, e continue...

De: **Naldinho Motoboy** <naldinhomotoboy@gmail.com>

Data: 22 de novembro de 2011 12:09

Assunto: Re: Fwd: Festival CulturaDigital.Br - LAB - Cartografia Experimental

Para: Laboratório Experimental - FCDBR <labx-cdbr@googlegroups.com> Cc: tai.revelles@gmail.com, tati.xx@gmail.com, saraguchoa@gmail.com, mramaciel@gmail.com, cinthia-mendonca@gmail.com, victor.ribeiro@gmail.com

E ae galera, beleza?

Eu sou Naldo Silva (aka Naldinho Motoboy), nasci numa antiga vila de pescadores que hoje, por cauda dos mega empreendimentos cariocas, corre risco de remoção. a vila fica à beira da lagoa Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Mas eu agora vivo no centrão do Rio. Ganho a vida como motoboy de dia e camelô de noite. Tô fazendo supletivo e tô muito afim de entrar para a universidade. Gosto bastante de internet e nesses últimos anos, trabalhando nas ruas, aprendi muito. Tô na batalha! Colaboro com o projeto Olimpicleaks, Cartografias Insurgentes e ainda com outras iniciativas de mídia, arte e ativismo. Eu conheci a galera do ipê vendendo cervas na rua. troquei uma ideia, gostei da parada e tô colando lá! Tô amarradão colaborando, tamofazendo altas reflexões ae do que tá acontecendo agora com a vida da gente nessa cidade loka. Nessa época ae que conheci a galera, um dia eu sonhei que sequestrava um caveirão. Acordei com um parádão na porta da minha casa e resolvi bate lá. Não tinha ninguém, entrei dentro e saí pra dar um rolê. Fui pra zona sul, Copacabana, Ipanema, Leblon, céu azulão, praia, curtidão. E a galera? nem preciso dizer, né? tinha gente desmaiando, gente apontando, tirando foto e achando graça, gente telefonando pro governador! pena que foi só um sonho... Mas é com essa sensação de tá dirigindo um caveirão na zona sul que eu me sinto toda vez que posso fazer alguma coisa irada contra essa merda de vida que oprime a gente e que quer que a gente seja escravo dela. Eu quero uma vida livre, digna e sem medo, eu não quero ser escravo de ninguém, por isso, deve em quando, dirijo um caveirão na zona sul... Mas eu tô colando aqui pra fazer uma proposta, valeu? Fico afim de demonstrar pra vcs a cidade em transformação. Meio que esse é um dos temas do Cartografias Insurgentes, tá ligado? a cidade e suas transformações, os impactos sofridos por causa dessa estória de Megaeventos e tal... Sugiro ae pra todo mundo poder ver mermo de perto um pouquinho de como está as coisas e também pra galera poder experimentar, dou a ideia da gente fazer uma deriva que vai do MAM até o Morro da Conceição onde fica a casa do Ipê. Durante essa caminhada vamos falando das coisas que interessam. chegando lá no ipê teremos uma surpresa pra vcs! vai ser irado!!! a gente sai do Mam, atravessa a passarela e sai na praça 4 de julho. daí seguimos pra cinelândia, depois praça mauá e depois morro da conceição. esse trajeto ae tem 2,5 km e deve dar 30min de caminhada. devagar, batendo papo a gente faz em 1h, no máximo. No meio do caminho vou vendendo uma cerva gelada, vou na minha bike com o isopôr cheio! chegando lá no ipê, vcs vão ver a surpresa irada que vamos preparar pra vocês com muito carinho. É porque sem amor essa vida não é nada! Bem, é isso ae! E ae o que vcs acham?

Por favor, galera, colabora ae na construção dessa deriva e qualquer coisa meus companheiros vão complementar ae aquilo que eu não me liguei, valeu?

um abraço!
Naldo.

CUIDADO VOCÊ PODE SER O PRÓXIMO

A Ocupação Flor do Asfalto em risco de remoção, o Camelodromo da Central é incendiado, mais de 800 casas serão derrubadas na Providencia

Uma cidade olímpica, um teleférico e um porto maravilha sendo contruido para rico

CHOQUE DE ORDEM PARA O POBRE

REVITALIZAÇÃO MATA

E você faz o que?

SE ORGANIZE

Faz quase um ano desde que me senti atraída pelas cartografias, espelhismos transformadores de representações, coletivos, consensual e dissidentes, uma rede que se traça desde as memórias até os futuros de ação... Toda uma atração cativante que uma antropóloga, com interesse nas narrativas, não pode evitar, justamente quando se trata de uma possibilidade que já estava procurando em Cali, a cidade onde se constrói meu olhar enraizado. Cali, cidade sub-dimensionada, alegre, salsera, gostosa e completamente desigual. Um 80% de pobreza com avenidas que dividem cidades irreconciliáveis. Violência na *Calicalentura*, muito quente. Subverter as representações de identidades acabadas, perfeitamente auto-complacentes com as lógicas do turismo, políticas de desenvolvimento e investimento estrangeiro e poder conceber ações estratégicas para complementar isso era um dos meus maiores anseios. Faz quase um ano desde que comecei a **enfitar** um rizoma que só tinha que misturar os desejos diversos, já acumulados pelos anos, e essa enorme vontade de re-conhecer o país vizinho, o Brasil.

A PRIMEIRA SEMENTE COLABORATIVA

Dentro das redes de colaboração e cumplicidade, nasceu a primeira semente da minha residência não oficial no ipê; no encontro de laboratórios do sul, Labsurlab, em Medellín, Colômbia, em abril de 2011. Atraída por algumas experiências, como *fadaiat*, entre outras, Oskar e eu nos inscrevemos na oficina de videocartografia metropolitana - novamente a cartografia como ponte, uma conexão. Ali mesmo consegui falar pela primeira vez em portunhol com a Tati Wells e o Ricardo Brasileiro. Sim, visualizei a possibilidade de conectar os nodos. Lembro desse email, que escrevi pra eles, inspirado no texto construído coletivamente depois do Lsl; *“Há muito pra fazer sobre o que vocês chamam de tecnoxamanismo digitofágico e considero que aqui em Cali, pelo menos, podemos traçar alguns caminhos conjuntamente.”* A resposta chegou com o convite pra participar no laboratório de cartografias insurgentes. Minha residência não ia ser como as outras; eu não fui chamada por ter experiências ou reconhecimentos acumulados. Nesse sentido, foi uma residência não oficial, com uma vontade clara: aprender e compartilhar. Assim foi se fiando o caminho da semente como manifestação das possíveis convergências do sul.



PENSAR ESPACIALMENTE É REFLETIR SOBRE A MORADIA. DESCOLONIZAR NOSSAS PRÁTICAS.

O ipê me foi apresentado como um espaço nômade. O ipê, germinação de outros sonhos. A casita mostrava seus anos bem levados nas paredes e no chão (um chão bem frágil!). A casa 24, da rua Jogo da Bola, Morro da Conceição, na zona portuária, foi a maior interface de aprendizagem no Rio. Quando eu cheguei, estava se cozinhando o que ia ser o laboratório de cartografias insurgentes e fui me inserindo nesse ambiente tão cálido; sorrisos no rosto e muita cadência ao falar; disposição na convergência em meio das mudanças da “cidade maravilhosa”. Mas... foi assim mesmo? Eu quero compartilhar minha observação desde o sentir, e desde a moradia de setembro até novembro de 2011, para contribuir na reflexão sobre nossas práticas colaborativas.

Achei muito interessante a convocatória; experiências tão ricas e diversas; tantas vozes e caminhos andados dentro das possíveis linhas de fuga. Mas o lab não conseguiu (nesse momento específico) convergir as diferentes dinâmicas que percebi um pouco atomizadas. Os espaços de experimentação foram substituídos por uma sequência de apresentações sobre o que poderia ser a melhor experiência cartográfica. Por que isso acontece?

O encontro foi chamado de *laboratório de cartografias insurgentes*. A *insurgência* é uma dessas palavras cativantes, mas, quando está esvaziada de problematização, termina por reproduzir aquilo que tenta combater e se torna pouco coerente na prática.

Acho que a insurgência vem de dentro, das práticas cotidianas, das micropolíticas que compõem o espectro de possíveis ações a nos juntar contra essa máquina de guerra e desapropriação que é o projeto Cidade Olímpica. Especificamente e com as exceções respectivas, a sensação dentro do evento foi de um afastamento das iniciativas dentro de poucas mãos que nesse momento, e como piada, senti como egos insurgentes. De repente, achei que algumas formas reconhecidas de fazer e tanta certeza sobre as ferramentas e sobre a tática insubmissa, às vezes, impossibilita a criação coletiva. O lugar incômodo e libertário é esse que tá todo o tempo se perguntando; não fica tranquilo. Encontrar e reproduzir as mesmas perguntas sem olhar além de seus próprios passos (inclusive se nossos contextos se refletem), não contribui a convergir nas diferenças para se transformar.

Com certeza, o laboratório é um processo lento... “vamos lento, porque vamos *lejos*”, e os caminhos que conectam realidades globais continuam se reconhecendo dentro dessas vozes e rostos irmãos. Assim, as tentativas de desconstrução desses abusos disfarçados de maravilhas podem ser alimentadas e reforçadas em outros contextos, e contribui para melhor repensar as táticas colaborativas.

A vivência mais profunda, a moradia foi quem me mostrou o caminho de descolonização. A casita estava cada dia mais perigosa lá em cima e o Tuninho

E ASSIM... CALI CHAMANDO

Eu quis sair de casa pra morar um tempo no Brasil. Eu queria tanto, que ainda tinha que voltar na minha cidade pra compreender algumas lógicas deslocalizadas, algumas contradições... sim, bem refletidas em outros contextos com ritmos e cadências diferentes.

Nessa moradia, senti chegar a onda dos movimentos *occupy* na cidade; muita gente se encontrando nas praças e ruas. Assim mesmo, eu olhava todo o tempo pra Colômbia, que tinha aberto seu processo de mobilização pela educação; muitas ações de alegre rebeldia florescendo. Quando voltei em Cali, percebi a moradia refletida pela galera do baobá voador, uma descolonização efetiva desde o cotidiano, com permacultura e mais proximidade com a comunidade do bairro. Também continuei seguindo o processo contínuo das cartografias táticas, as múltiplas possibilidades de subversão dos megaeventos no Rio. Nesse momento, senti a fortaleza de algumas conexões latentes, que continuam até hoje, sensações e formas de interagir aqui e ali, um terreno fértil pra futuros encontros.

e o Peixe, que estavam tentando consertar isso que os anos tinham roído tanto, foram meus melhores parceiros lá na casa, desde o almoço até falar sobre o que constituem as diferenças entre os vizinhos países; foi sempre a ponte de convívio, de intercâmbio constante. Em um nível mais geral, o morro está no centro do projeto Porto Maravilha, que consegui conhecer pela deriva maravilha feita dentro do prelab (assim mesmo foi com Vila Autódromo e Tabajaras, núcleos de resistência territorial). Essa iniciativa faz parte dos grandes megaprojetos que têm, no centro, uma contradição muito grande: se apresentam com benefícios incrivelmente exagerados nas mídias e têm nomes muito lindos (como é o caso do projeto de revitalização do centro de Cali, “Ciudad Paraíso”), Paraíso, Maravilha, Transcarioca... grandes contrastes com o fato inevitável de remoção e aniquilação das opções de permanência, e um aumento da precariedade numa cidade tão grande, tão rica e tão pobre.

Como a casita estava sendo reformada e tinha muito pó todo o tempo, os outros residentes ficaram doentes. Morei sozinha ali mesmo, onde estava reforçando minha afetividade com um lugar que tanto clamava convívio e ações conjuntas. A galera do anarcofunk começou a chegar com as possibilidades de ocupação.

Um dos melhores momentos de discussão dentro do ipê, pra mim, foi precisamente a questão da ocupação como reflexão íntima da situação geral compartilhada na cidade. A casa caindo em pedaços exigia repensar as formas de morar e resistir desde o cotidiano.

OUTRA VOLTA AO SUL

Hoje novamente posso tentar fiar alguns pontos nessa rede da qual faço parte, uma rede tecida por eventos, processos dentro e fora do Brasil, pessoas, contextos, apropriações, ferramentas livres e táticas. Há pouco, novamente no labsurlab, em Quito, senti um pouco encontrar isso que eu estava procurando quando quis sair correndo para o vizinho país; compartilhar das formas de ação, cada contexto, cada forma de se encontrar e colaborar, as cumplicidades do sul para o sul.

Em cada região, continuam se refletindo e se juntando cumplicidades, recolhemos as experiências similares com as bicicletas, os festivais de troca troca, as hortas se expandindo, projeções de filmes, as reflexões e ações nas ruas.

Continuamos cartografiando nuestros territorios, pero nos encontramos para hacerle el quiebre a este sistema, comprendemos así que las magias invisibles siguen orbitando señales de resistencia y rebeldía.

La red, como la semilla se expande. Que se sigan expandiendo más encuentros en el sur!



RIO DISTÓPICO. CONTROLE E SEGREGAÇÃO NO ARQUIPÉLAGO CARCERÁRIO.

COLETIVO ANTENA MUTANTE



Este texto faz uma série de reflexões sobre nossa experiência no Rio de Janeiro, a cidade em que estivemos percorrendo durante quase um mês e meio. Queremos mostrar-lhes como nos situamos em uma grande e complexa urbe com o fim de estabelecer uma série de conexões que nos permitiram analisar o que acontece na cidade, o projeto transformação urbana abrigada na cidade global. Realizaremos isto jogando com a idéia de arquipélago e os enclaves. Concentrando-nos no caso da zona portuária do Rio de Janeiro que está sendo revitalizada em função do megaprojeto Porto Maravilha.

Aproximando-nos à idéia de arquipélago queremos trabalhar para compreender como são as dinâmicas de uma cidade global, desenhada em função da indústria do turismo. Local onde implementam-se alguns fortes dispositivos de regulação, instaurando um controle social, onde tudo o que acontece deve ser aceito como algo necessário.

Começaremos, então, nossa deriva pelo Rio Distópico.

Estar contra as purificações, as reproduções do disciplinamento e uma arquitetura obsidional

entre guetos, prisões e fortalezas, deixar emergir o nomadismo, movimento, a diversidade que

faz a diferença, é o que nos motiva. Romper com a simbiose da cidade

como uma prisão ou das partes da cidade como prisão.

Vera Malaguti

A deriva pelo centro e pela zona sul do Rio de Janeiro.

Caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro, nos encontramos desprevenidamente com uma cidade bonita, onde misturam-se praias, cultura, natureza e uma grande cidade com marcantes contrastes dentro dela. Permitindo-nos experimentar a cidade vertical que se confunde com os morros, lugar onde localizam-se as famosas favelas.

Pouco a pouco vamos experimentando diferentes situações que vão provocando um distanciamento desta cidade bonita e deslumbrante. Sobre tudo porque fomos convidados a um encontro de cartografias insurgentes para apresentar uma proposta de mapeamento sobre as problemáticas da cidade do Rio de Janeiro, com relação aos problemas pontuais de desalojos e remoções dentro do contexto dos megaeventos transnacionais a realizar-se na cidade. Referindo-se sobretudo ao mundial de futebol e às olimpíadas.

O Rio de Janeiro é uma cidade de grande interesse para a indústria do turismo global, depois de ter entrado em decadência ao deixar de ser a capital do Brasil. Concentram-se em consolidá-la em uma cidade acolhedora para os turistas. Estes empreendimentos relacionam-se em função de mesclar atrativos turísticos com todo o imaginário em torno dos esportes, este primeiro esforço já ocorreu nos Jogos Panamericanos de 2007, mas as transformações urbanas que aconteceram não cumpriram as expectativas.

“O Rio de Janeiro é uma cidade em decadência, abandonada pelas instituições oficiais e dominada pelos interesses especulativos e a demagogia política. Um momento de brilho, que poderia ter sido gerado

para a celebração dos Jogos Panamericanoenclaves (2007), foi negado pela mediocridade e opacidade das obras realizadas, que além do mais, não geraram intervenções radicais na deteriorada estrutura urbana. É triste verificar que no início do século XXI apagaram-se as luzes do teatro da Cidade Maravilhosa”. (Segre, p. 34, 2008)

Agora retorna o projeto, mas já com características globais e isto provoca as remoções e desalojos em busca do novo desenho de cidade que propõe-se como uma cidade global. Por cidade global poderíamos entender o seguinte, exposto por Saskia Sassen, a criadora do conceito: “ O enfoque **dirige-se** às práticas que constituem o que se entende por “globalização econômica” e “controle global”, ou seja, produzir e reproduzir a organização e a administração de um sistema de produção global e de um mercado global de capital, ambos marcados pela concentração econômica”. (p. 125, 2007). Vemos esta cidade focada na indústria do turismo e dos megaeventos.

Neste contexto nos encontramos com uma sociedade mobilizada em torno destes aspectos com um tema que os atravessa desde as políticas públicas e é o da mudança. Que, por sua vez, é geral para o contexto Brasileiro.

RIO, A CIDADE GLOBAL. CONTROLE E SEGREGAÇÃO.

Quando falamos do global devemos antes compreender sobre qual cidade estamos falando e vivendo. O Rio de Janeiro arrasta uma tradição escravocrata, a cidade tem tomado forma segregando socioespacialmente a seus habitantes, especialmente os descendentes de escravos africanos, um passado marcado por processos de resistência e dominação onde adquiriu a forma atual e as favelas emergiram desejando misturar-se com a cidade.

Estes conflitos históricos deverão ser solucionados para chegada dos espectadores da cidade. Além disso, a Prefeitura tem a necessidade de dar acesso aos habitantes das Favelas à cidade planejada para que o Rio de Janeiro não se **esfrie** – com no caso do carnaval – requerendo gerar controle sobre os cidadãos e cidadãs tanto nas Favelas com na cidade planejada, para que encontrem-se em certos momentos nas ruas. “ O Rio de Janeiro deverá funcionar nos próximos 6 anos como território produtivo das práticas de controle e captura das dinâmicas e conflitos sociais, através de sistemas de ação e sistemas de objetos conduzidos por um capitalismo que precisa atualizar sua gestão do desenvolvimento desigual através da construção de inúmeras fronteiras nas cidades e entre os países.” (Cunca, p.2009,54)

Neste contexto necessita-se entrar e controlar diretamente as Favelas, pois também fazem parte do

atrativo turístico das cidades, tanto pela vista privilegiada que possuem, como pelas pessoas que as habitam e a cultura que elas produzem. Esta lógica de cidade global consiste no seguinte: “o capitalismo global tem de reestruturar a combinação entre a lógica do capital e a lógica territorial, via uma institucionalização do comando das redes e fluxos financeirizados montando um padrão ou regime de controle territorial sobre os homens e os objetos”.(idem, p.45)

A MARCHA DOS EXCLUÍDOS:

A poucos dias no Rio de Janeiro participamos da contra marcha da independência (grito dos excluídos) que se realiza no 7 de setembro, onde o Estado do Rio de Janeiro exhibe todo seu armamento e quem os operam. A contra marcha mobiliza algumas pessoas que saem às ruas para denunciar na paralela da avenida Presidente Vargas, onde se apresenta o desfile militar. Mobilizados sobre o tema de violação aos direitos humanos e direito à cidade. É ali aonde vemos emergir as grandes questões em torno à essa proposta de mudança e como tem afetado aos cidadãos: o tema das remoções, o tema do transporte, os agrotóxicos, a cidade policial, o tema do racismo, entre outras problemáticas.

EXPERIÊNCIA NA ZONA SUL, CENTRO E ZONA PORTUÁRIA

Conseguimos experimentar a cidade em percursos desprevenidos que nos foram aparecendo em certos lugares de referência que marcaram o transcurso da experiência no Rio de Janeiro. Em poucos dias conhecemos grande parte do centro histórico da cidade, duas Favelas – Rocinha e Santa Marta-, as praias do sul, o parque da Tijuca, a zona norte e algo de suas academias.

Neste sentido quisemos conhecer os detalhes do projeto Rio40Caos que vinha trabalhando em torno do que acontecia na cidade, além de nos apresentar um contexto desde o qual conseguimos ter uma perspectiva mas ampla dela, onde nos foi apresentada a mobilização da contra marcha chamada “grito dos excluídos” em 7 de Setembro. As fortalezas instaladas como projetos urbanos nos complexos, com no caso de Manguinhos, o bonito bairro de Santa Teresa, as mobilizações da Rádio Pulga – Rádio livre que teve seu transmissor apreendido pela polícia dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais -, o lugar de encontro dos nordestinos e muitas outras coisas. Neste contexto, sempre considerando o contexto de controle, o tema da cidade policial e da segregação socioespacial que se apresenta, mostrando-nos as situações em que se encontram o Complexo do Alemão e Manguinhos.





CARTOGRAFIA CRÍTICA. ARQUIPÉLAGO CARCERÁRIO. CI- DADE POLICIAL E VIGILÂNCIA.

Preparando-nos para o encontro de cartografia que abordamos desde uma perspectiva crítica, gostaríamos de apresentar uma proposta e nos atrevemos a sugerir a idéia de compreender o Rio de Janeiro como um arquipélago de ilhas carcerárias; “uma coleção de cidades carcerárias, um arquipélago de <<cercos normatizados>> e espaços fortificados que atrincheram, tanto voluntaria como involuntariamente aos indivíduos e às comunidades em ilhas urbanas visíveis e não tão visíveis, supervisionadas por formas reestruturadas de poder e autoridade pública e privada” (Soja, 2008:420).

Esta hipótese de trabalho da cidade nos permitia compreender uma série de novas configurações territoriais impostas sobre a militarização e a vigilância, introduzindo as desconexões das problemáticas que lhes concernem a todos os habitantes da cidade, como as remoções e os desalojos. Também a consideramos importante porque pode-se indagar sobre o passado e entender como o Rio de Janeiro chegou a adquirir esta forma. O exemplo mais evidente é o que tem-se gerado em torno das UPPs – Unidade de Polícia Pacificadora – instaladas nas Favelas e o aumento da polícia militar fortemente armada por toda a cidade.

“As políticas de segurança pública implementadas recentemente em distintas favelas da cidade do Rio de Janeiro fazem parte de projetos mais amplos de renovação urbana, visando preparar a cidade para a realização de importantes eventos internacionais, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Assim, desde dezembro de 2008, começaram a ser instaladas em favelas cariocas as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), uma forma de ocupação por um determinado contingente

policial com a finalidade de garantir a segurança local e, sobretudo, o cessar da criminalidade violenta ligada ao tráfico de drogas nesses espaços”. (Vieira da Cunha, p. 371, 2011)

Estas questões não eram muito distantes de nossas indagações sobre a Colômbia – especialmente Bogotá e Medellín -, e também com a referência que temos dos territórios Palestinos, que poderiam chegar a ser úteis em algum momento. “... aparece sempre como o questionamento básico das obras de urbanização propostas, os seus riscos e impactos bem como a sua relação com o conjunto de ações de ocupação policial que criam um quadro de alta complexidade, no qual são manejadas as mais variadas imagens, muitas das quais remetem aos modelos aplicados em Bogotá e Medellín”. (Cunha, p. 51, 2009)

A cidade conta com um contingente de polícia militar muito grande, sistemas de intervenção nas Favelas como é o caso de Santa Marta, com o traçado de um muro e vários experimentos das UPP – Unidade de Polícia Pacificadora -, também encontraremos um sistema de transporte bastante segmentado como no caso do metrô que cobre do centro à zona sul da cidade.

O arquipélago está sendo implementado pela Prefeitura, agrupando algumas Favelas em Complexos como o Alemão e Manguinhos. Também resguardando territórios como as praias do sul – Copacabana e Ipanema – e o enclave barra da Tijuca – a Miami Carioca -, iniciando processos de revitalização como o da zona portuária e a infraestrutura dos equipamentos olímpicos.

Este processo isola as populações da Favela do mar e controla o acesso e circulação dos habitantes da cidade. Um ponto que gostaríamos de enfatizar é sobre como a estrutura social dominante se produz sobre uma série de desigualdades e segregações que ronda desde o passado da cidade.



“O fato das UPPs estarem restritas ao espaço de favelas, e de algumas favelas, já seria um indício luminoso para desvendar o que o projeto esconde: a ocupação militar e verticalizada das áreas de pobreza que se localizam em regiões estratégicas aos eventos desportivos do capitalismo vídeo-financeiro. É o caso do que Souza exemplifica no Estado que “governa mais para o interesse hegemônico do que para a sociedade brasileira”. Com isso queremos frisar que as UPPs aprofundam as desigualdades e as segregações socioespaciais no Rio de Janeiro”.(Malaguti,p. 2, 2011)

Neste ponto entra o que se conhece como a “Pacificação”, que está sendo implantada nas Favelas vizinhas à urbe planificada, é o processo de intervenção que a Prefeitura tem para controlar os habitantes em seus territórios, eles contam com uma vista privilegiada da cidade e têm passado por processos de resistência e organização onde acabam sendo capturados. Este processo já ocorreu no Brasil onde recuperaram os territórios no norte do país; “O estabelecimento da centralização do território para o Império brasileiro também foi chamado de pacificação. Só no estado do Grão-Pará foi massacrada quase a metade da população na luta pelo domínio do território dos cabanos” (idem, p. 4)

A pacificação consiste em intervir militarmente nas Favelas, dado que ali se encontram os nichos do tráfico de drogas para a cidade dos turistas e o controle armado dos territórios – Territórios exercidos e definidos por diferentes atores que habitam as Favelas, problema complexo no qual não poderíamos aprofundar com clareza. Além de intervir nos processos culturais, gerar projetos de intervenção urbana como no caso do Complexo do Alemão e do Morro da Providência onde planeja-se um teleférico, baseado na experiência da Comuna 13 em Medellin, além da presença de ONGS – turistas militantes – do “primeiro mundo” que mediam estes conflitos.

O problema de tudo isto é que se intervêm de uma forma armada com sérios mecanismos de repressão e criminalização – questões que não solucionam o conflito – e sim, criam profundos problemas ao não permitir espaços autônomos para que estas populações gestionem os seus projetos de vida e sejam parte do projeto de cidade em seu conjunto desde suas particularidades, questões que, segundo Vera Malaguti, conserva e preserva todo o tema da segregação socioespacial.

Esta consideração foi levada em conta para trabalhar de forma diferenciada cada uma das ilhas que a prefeitura define e a polícia militar delimita ativando sistemas de vigilância e ordem policial diferenciados para cada uma delas, tudo isto em função da “livre” circulação de pessoas, informação e dinheiro. Este tema é considerado e relacionado ao controle social da cidade e como este controle se efetua pela necessidade de realizar rapidamente uma transformação à uma cidade que deve estar preparada para ser visitada por muitos consumidores – turistas- que esperam o melhor da cultura, das mulheres, lugares históricos, desportivos e todo tipo de diversão.

A cidade se constrói de acordo com os interesses de circulação do dinheiro, informação e pessoas, até às desconexões e conexões que provocam o novo desenho da metrópole. Esta questão em primeira instância requer pacificar as Favelas que inevitavelmente não podem ser removidas e que encontram-se próximas ao centro e à zona sul.

Dentro do nosso trabalho estivemos residindo no Morro da Conceição na casa do Coletivo IP, um morro que não é uma Favela, onde na parte mais alta encontra-se o ministério de guerra dos governos anteriores. Um bairro constantemente sob custódia de um batalhão militar, localizado em frente à zona portuária e perto do centro. Ficamos onde a avenida Rio Branco cruza com a avenida Presidente Vargas.

SENSIBILIZAÇÃO E MEDO. PRODUTO DO CONTROLE SOCIAL.

Observamos uma cidade sensibilizada pelas transformações da cidade global. Neste contexto fazemos referência à obra de Vera Malaguti, na qual propõe, baseando-se em Eagleton, a seguinte reflexão em torno da questão estética no marco do medo do Rio de Janeiro: “Acontece, então, um processo de estetização do regime. A obediência à lei vem agora do interior do sujeito, fixada através de “hábitos, devoções, sentimentos e afetos”. (Malaguti, p.76, 2003). Esta questão da estetização do regime apresenta-se e a relacionamos com a questão da memória, o processo de trazer o passado ao presente no marco da cidade proposta. Vemos como o projeto se articula a “Criar uma condição amnésica na qual essas noções pareçam jamais ter existido, colocá-las num espaço para além de nossos poderes de concepção”. (idem). Fazemos referência a isto porque neste projeto de cidade volta-se a ratificar a segregação desde as formas contemporâneas de controle e exclusão.

É importante destacar o tema das sociedades de controle na medida em que os habitantes do Rio de Janeiro que têm acesso à cidade urbanizada, à produção cultural e à educação relacionada com o global, encontram-se já conformados frente ao que está acontecendo e buscam permanecer em uma posição cômoda dentro da mudança. Uma posição de servidão ao turista.

“Na base deste desenvolvimento tem uma ideologia de mercado total, que é a ideologia de luta. Interpretando e tratando a sociedade inteira sob o ponto de vista do progresso em função do mercado total. A mística do mercado total transforma-se em uma mística de luta de mercados, à qual submetem-se todas as esferas da sociedade. Nesta perspectiva total, aparece agora a mística de uma guerra contra os que resistem a este submetimento de todas as esferas da sociedade à luta de mercado. Aparece assim a imagem de um inimigo que é o produto mesmo desta mística da luta de mercados. Este inimigo não é um adversário competitivo na luta dos mercados, não é participante no mercado, e sim o adversário na vigência do mercado total e de seu resultado. É inimigo quem resiste à transformação da luta de mercado no princípio único e básico da organização inteira” (Mattellard, p.173, 2009)

No Rio de Janeiro apresentam-se uma série de elementos que sustentariam a crítica à cidade global.

Tomamos então a decisão de trabalhar a cidade

por fragmentos, estes fragmentos são territórios que vão-se demarcando em torno à dispositivos de controle empregados pela Prefeitura – ilhas-. Isto nos serve para introduzir o tema do medo que vive esta cidade, o medo ao que não vive ou não está disposto a viver na cidade feita para os turistas e consumidores. Este medo encontra-se nas pessoas mais conformadas com a mudança e que exigem políticas de segurança pública, sentem-se ainda mais em perigo quando percebem a quantidade de pessoas que estão sendo encurraladas e forçadas a entrar nas dinâmicas propostas pelo novo projeto de cidade.

Outro aspecto a considerar é como estes territórios seguros demarcados no centro e na zona sul da cidade desfrutam de uma infraestrutura de conectividade ampla, enquanto as outras zonas encontram-se em condições precárias de acesso às tecnologias de informação e comunicação. É importante também levar em conta porque os conectados através das máquinas de informática são os que estão tendo acesso às informações sobre o novo projeto de cidade, enquanto os demais são afetados e estão sendo forçados a ter acesso à estes meios para que se conheçam suas problemáticas, sem obter resposta sobre o porque dessas obras já terem sido aprovadas.

Neste panorama e dadas as problemáticas anteriormente descritas, vimos a necessidade de concentrarmos em um fragmento da cidade. Dados os inconvenientes de mobilidade e os inconvenientes para conectar com posturas críticas da cidade, decidimos experimentar a transformação da cidade global em uma área acessível e que poderia ser lida sob diferentes aspectos e referências que nos brindaram os membros da ocupação Flor do Asfalto e o projeto Rio40caos.

A zona portuária do Rio de Janeiro possui uma carga histórica que sob nosso ponto de vista contém muitos elementos que permitiram trabalhar o que acontece na cidade. Neste momento a zona portuária e a área demarcada pelo projeto Porto Maravilha esta habitado por:

“Neste contexto, a área limítrofe à zona portuária da cidade recebeu uma grande quantidade de população de baixa renda, expulsas da então valorizada área central da cidade, em função das obras de modernização impostas nas gestões citadas. A nova localização possibilitou a esse contingente de mão de obra barata, situar-se em um lugar “perto, mas longe do centro”, para assim ter acesso às oportunidades que esta oferecia”. (Lima Carlos, p.36, 2010)

No caso do Rio, o projeto Porto Maravilha é um nodo de interconexão do arquipélago carcerário onde se gera toda uma infraestrutura de uma densidade cultural resguardada em museos e infraestrutura de comércio. “*Lo spazio contemporaneo può essere descritto e interpretato attraverso la contrapposizione di due figure: l’arcipelago (lo spazio liscio dei flussi) e l’enclave (lo spazio dell’eccezione)*” (idem).

As UPP fazem parte das ilhas do arquipélago, a UPP conforma-se para resguardar acesso aos morros da cidade e começar a conectar toda a infraestrutura da cidade planejada; luz, esgoto, água, telefone, televisão e internet. Gerando um processo de gentrificação no sentido que muitos habitantes das Favelas deverão sair pois não conseguirão pagar por estas novas mercadorias na lógica na inclusão social.

Neste processo começamos a trabalhar com três linhas de análises que construíram-se desde a experiência de transitar pela revitalização da zona portuária e os diversos **referentes** de crítica que fomos encontrando e fazendo alusão a outros trabalhos que havíamos realizado em Antena Mutante-Geo-Malla, atravessando a fronteira, WarLab – desejando encontrar como poderíamos começar este processo de cartografia crítica. Os tópicos para a observação, investigação e análises foram: gentrificação, especulação e pacificação. Estes três processos que vive a zona portuária poderiam-se ser descritos da seguinte maneira.

Gentrificação: o processo de revitalização de uma área da cidade que busca expulsar os habitantes e começar um processo onde dá vida novamente às construções que marcaram a presença do poder político, econômico e cultural de uma cidade. Observamos este processo em torno aos desalojos das ocupações e as remoções das edificações com as ocupações de moradia, algumas representadas pelo movimento Sem Teto. Produzindo um processo de especulação imobiliária.

Estes processos de revitalização devem desenvolver-se com base na história do lugar, quem os habita, e gerando toda uma forma de intervenção que possa levar em conta como tem-se produzido o espaço dentro da zona portuária.

“a conservação das variáveis materiais e imateriais dos sítios urbanos (conceito de lugar), iniciada pela Convenção para Conservação do Patrimônio Cultural Imaterial (Unesco, 2003). Posteriormente, essa tendência foi confirmada e difundida por meio da Declaração de Quebec, sobre a preservação do “*spiritu loci*” -espírito do lugar- (Icomos, 2008), elemento fundamental na caracterização das áreas

urbanas. Dita declaração destacou que as “comunidades que habitam o lugar, especialmente quando trata-se de sociedades tradicionais, deveriam estar intimamente associadas à proteção de sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade” (Lima Carlos, p.26, 2010)

O que se esta vivendo na zona portuária compreende-se como um processo de gentrificação: “Este fenômeno define-se como uma forma de apropriação de determinadas áreas urbanas por “máscaras poderosas e de capital privado, que a “re-qualificam” de maneira concentrada com outros atores, incluindo o poder público, criando-se uma situação de exclusão e especulação, que converte espaços remanescentes e degradados em espaços de consumo para uma classe social ascendente. (Godet, 1999)”. (idem, p.27)

Espetacularização: este processo onde a cidade torna-se um espetáculo, onde trata-se de apresentar uma cidade cheia de cores e de construções ostentosas, revitalizando, gerando vida novamente a tudo aquilo que marcou a vitória sobre a cidade negra. Vemos isto no tema das reformas à abandonada zona portuária, aos museus que estão criando e em toda questão

dos equipamentos olímpicos que empregaram-se nela. Com a finalidade de que os turistas que cheguem encontrem uma ordem e uma boa imagem da cidade global.

“De acordo com os investigadores urbanos, os enclaves turísticos facilitam o controle autoritário do espaço urbano, modificando o consumo e destruindo a cultura local com “ambientes Disney”. Tim Edensor (1998) reitera a observação de Lefebvre (1991) acerca de que os espaços turísticos “são planejados com o maior cuidado: centralizados, organizados, hierarquizados, simbolizados e programados ao enésimo grau” (384). De modo similar, John Hannigan (1998) afirma que a uniformidade dos espaços que habitam os turistas sujeita-os a “uma forma de experiência urbana medida, controlada e organizada” (6), que elimina a imprevisível qualidade de vida cotidiana nas ruas”. (Judd, 52, 2003)

A questão é que não encontra-se como pode o projeto Porto Maravilha resistir às questões de segregação, pelo contrário, o que vemos é como o projeto dá o golpe final para que esta cidade fique sem nenhuma referência de cidade negra e elimine qualquer possibilidade para que se pratique o urbano de acordo com sua espiritualidade e espontaneidade.

“Trata-se de uma tendência predominantemente política relacionada com a gestão das cidades mundiais dirigida, infelizmente e cada vez mais, ao

objetivo de expandir e diversificar os benefícios urbanos para responder às crescentes demandas das classes sociais privilegiadas. Neste sentido observa-se que as experiências de conservação urbanas mundiais vincularam-se às estratégias de *marketing* cultural e aos empreendimentos turísticos, que identificaram-se com a competência entre cidades instauradas sob os efeitos globalizadores de uma economia mundial apoiada em princípios neoliberais. (Lima Carlos, p.29, 2010)

Além do mais ignora-se o que tem-se produzido sem o menor interesse de compreender e dar potência ao que tem-se conseguido por parte dos habitantes da zona portuária.

“Essa nova ordem imposta “nega a singularidade dos lugares, as memórias, as estratégias e táticas de sobrevivência das camadas populares”, que compõem uma trama íntima ligada à materialidade dos lugares. Sem ela não existe urbanização, somente “artificialidade”, ou seja, o cenário desejado pelas grandes corporações, pelos proprietários dos meios de comunicação e pelos donos das marcas. O novo modelo de cidade global, caracterizado pelo artificial, “tem sido cuidadosamente confeccionado pelo novo economicismo, através de vínculos operacionais entre economia, política e cultura”.(idem)

É importante destacar também o processo que se conhece como musealização. “Essa postura baseia-se em intervenções que ressaltam o caráter físico e funcional do sítio, dirigidas à intervenções cenográficas, definidas por Arantes (2001: 125) como “uma verdadeira consagração da eternidade da cena – bem polida, limpa, adornada, transformada em museu”. (idem, p.33)

A memória, o fantasma da cidade do Rio de Janeiro segue vagando pela cidade nos camelôs, okupações, mídia livre, samba, Capoeira Angola, hip-hop, funk, etc. O processo de musealização que está chegando opera sobre os lugares da “memória cruel” onde somente se dá conta da morte e tráfico de escravos, como o cemitério dos novos pretos, Cais do Valongo, etc. Caberia a pergunta, qual é a mensagem que a Prefeitura e seu projeto de cidade olímpica deixa? A escravidão terminou ou a morte espera aquele que procura conhecer o passado?

Pacificação: Nesta linha buscamos, dentro do processo de revitalização, todo o tema da cidade policial. Incluindo a UPP na Favela da Providência, a qual começa a intervir em territórios, criminalizando a população.

Algo a ressaltar é como a zona portuária tem, além do mais, uma grande presença de edificações da

polícia, além de que no Morro da Conceição encontra-se o ministério de guerra dos governos anteriores e existe um batalhão que opera ali. Estas questões nos interessaram na medida em que não são visíveis no projeto Porto Maravilha, mas estão igualmente envolvidas dentro do marco da zona de intervenção do projeto. Além de que na zona portuária encontra-se a primeira Favela.

“em 1897, do morro da Favela (atual morro da Providência), lugar de habitação da população de baixa renda, formada originalmente por ex-combatentes da campanha militar de Canudos, que foram autorizados pelos “chefes militares, a instalarem-se ali”, apesar das autoridades municipais. A concessão se deu a título de benefícios relacionados aos serviços prestados à pátria”(Valladares, 2005:26). (idem)

Analisando o projeto de revitalização do Porto Maravilha descobrimos que este emerge com um nodo de interconexões entre diferentes nodos turísticos da cidade, apresentando-se desde a perspectiva que perde toda a inoperância no traçado da cidade e pode permanecer conectado aos fluxos de turistas que a cidade global quer provocar. Para isto conectou-se com o estádio Maracanã, com o corcovado, as praias de Copacabana, Lapa e os aeroportos. Lugares emblemáticos da cidade onde o turista poderá visitar depois de haver experimentado um contexto cultural dentro da matriz de segregação socioespacial da cidade, dentro dos museus que foram preparados na zona portuária.

Neste contexto queremos compreender como funciona o arquipélago carcerário para a cidade turística, como desde o projeto Porto Maravilha vai-se desdobrando um processo de revitalização que lida com o mar e não havia sido confiscado para o turismo nem para o espetáculo.

“Os turistas que habitam espaços enclávicos são animados a atuar essencialmente como operários de uma fábrica, sujeitos a “um horário, a um controlador de tempo, um informante e multas” (Thompson, 1967). Por enquanto encontram-se limitados por barreiras físicas e são destinados à atividades especializadas, certos lugares como os estádios esportivos, centros de convenções e *shoppings* podem efetuar uma regulação quase total do corpo. (Judd, 55, 2003)

A zona portuária deverá estar limpa e segura para isto, deverão ordenar tudo o que escape desta compressão. Neste sentido compreender como este projeto requereu pacificar a primeira Favela e as áreas próximas à favela como a central de transportes, empregando-se agentes da polícia militar para despejar os camelôs – vendedores de rua - e os moradores de rua.



O ENCLAVE – A FAVELA DO ESPAÇO DE EXCEÇÃO AO PROJETO DE ESPAÇO DE FLUXOS

O interessante das UPP é que a partir de sua existência abre-se uma área conformada por fronteiras reais e imaginárias, que originam-se através do passado que carregam nestas ilhas da cidade. No caso de Santa Marta e no caso da Providência, estes serão lugares de interconexão do arquipélago carcerário do Rio de Janeiro, onde planeja-se o turismo de Favela.

Outro tema a destacar é como o porto, uma área com um passado tão forte na cidade, vem a ser revitalizado de acordo com os requerimentos da cultura global. Deixar para trás o passado obscuro da cidade do Rio de Janeiro, condenar a cultura da Favela aos ditames da UPP social é sintoma de como este projeto conserva toda questão da segregação socioespacial da cidade do Rio de Janeiro. Apresenta-se a compreensão do enclave compreendido como espaço de exceção. Gerando intervenção direta na produção cultural, proibindo as expressões do Funk e do Hip-Hop.

“O Estado de exceção permanente ganha formato constitucional e jurídico- político como Estado de Segurança. O processo de construção de um modelo ideal para essa lógica neo-imperial de controle sobre fontes energéticas, sobre movimentos de protesto e rebeldia social, na conjuntura pós-Guerra Fria, se ergue como institucionalidade na gestação do experimento do regime de segurança máxima como ocorre na política colombiana de Álvaro Uribe”. (Cunha, p.45, 2009)

A excepcionalidade sobre os territórios será cada vez mais marcada. Algo interessante é que o próprio movimento de resistência cultural metamorfoseia-se e gera novas formas de expressão em movi-

mento, sem perder as referências do passado. O problema é tratar de pensar nestes territórios pacificados como conseguirão adquirir movimento, como poderão estabelecer novas conexões e encontros nestes contextos de controle social e de criminalização?

Todo este percurso que acabamos de apresentar-lhes é parte das referências que fomos produzindo para fazer emergir mensagens em forma de: mapas, músicas, gráficos, vídeos e fotografias. É parte também de um projeto que vínhamos explorando com o coletivo Rio40Caos, que chamamos DISTOPIA 021, que busca apresentar algumas destas considerações em um formato documental, gerando uma experimentação com a proposta de trabalho coletivo.

São temas que temos investigado e fazemos circular para que apresentem-se diferentes visões sobre a cidade global, para que venha surgir perguntas sobre a situação de controle nas cidades da América Latina.

De nossa parte, para levar em conta que o conflito armado na Colômbia não é interno como querem fazer-nos acreditar, as políticas de segurança democrática foram exportadas.

Estas questões também nos fazem pensar sobre o movimento de pessoas à escala latinoamericana, escolhendo de forma seletiva cidades para ativar a circulação de pessoas e condicionando de tal maneira, que a cidade fique igual a qualquer outra das que se têm selecionadas. Nestas circunstâncias os encontros e conexões desde as quais nos encontramos na América Latina serão cada vez mais complexas de estabelecer.

Em função destes arquipélagos que vão se conformando e os enclaves que vão emergindo seria possível geral outros arquipélagos conectando os enclaves desconectados?



Bibliografía:

Cunha Bocayuva, Pedro Cláudio (2009) Os riscos da comunidade capturada versus a plataforma da “favelania” Otra Economía - Volumen III - No 5 - 2o semestre.

Judd, Dennis R. (2003) El turismo urbano y la geografía de la ciudad Revista eure (Vol. XXIX, No 87), pp. 51-62, Santiago do Chile, setembro 2003

Lima Carlos, Claudio Antonio S. (2010) Una mirada crítica a la zona 2010: 23 - 54 Universidad Nacional de Colombia, Bogotá Revista Bitacora

Malaguti, V. (2003) *O Medo na Cidade do Rio de Janeiro. Dois tempos de uma história*, Revan, Rio de Janeiro

_____ (2011) O Alemão é Mais Complexo, <http://lastroufrj.wordpress.com/2011/09/15/o-alemao-e-mais-complexo-por-vera-malaguti/>

_____ (2011) Las políticas públicas de seguridad y convivencia: el caso de Rio de Janeiro. Ponencia presentada en la Universidad de Antioquia. Seminario Los laberintos de la violencia. Traducción Max Yuri gil Ramírez, asesor Personería de Medellín.

Mattelart, A (2009) Un Mundo Vigilado. Países -Estado y Sociedad- España, Barcelona

Sassen, S (2007) Una sociología de la globalización . Buenos Aires: Editorial Katz

Segre, Roberto (2008) Río de Janeiro: una vocación histórica policéntrica Centro-h, Revista de la Organización Latinoamericana y del Caribe de Centros Históricos No. 2, dezembro 2008, pp. 25-36

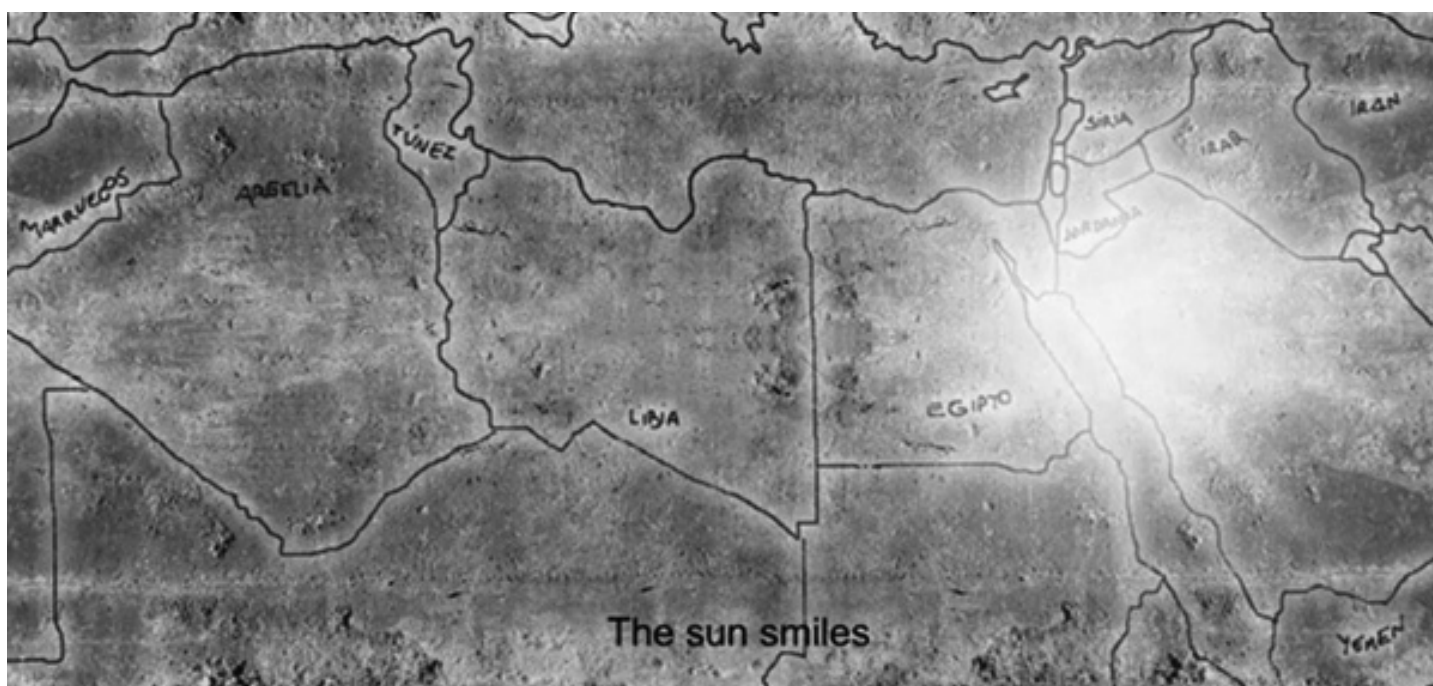
Soja, E. (2008) Postmetrópolis. Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones. Traficantes de Sueños. Madrid

Petti, A. (2007) Archipelaghi e enclave. Architettura dell'ordenamento spaziale contemporaneo, Bruno Mondadori, Milán

Vieira da Cunha - da Silva Mello (2011) Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* - Vol. 4 - no 3 - JUL/AGO/ SET 2011 - pp. 371-401

Os mapas do 15M ao 150

PABLO DE SOTO



Chegam vozes (desde a outra margem do mediterrâneo) é um vídeo clip que começa com um mapa do mediterrâneo, no qual uma luz começa a aparecer na margem sul. Ver vídeo em: <http://www.youtube.com/watch?v=cgI5Jwkuzjc>

O novo ciclo de lutas, que começou com a Primavera Árabe e a Revolução Islandesa, e que tem tido reflexo na margem norte do mediterrâneo com o movimento 15M e Democracia Real Já, propaga-se na atualidade a uma escala global.

Estes movimentos se caracterizam por (a) trabalhar em dois níveis, na internet e nas ruas, com a ocupação de praças e assembleias; (b) ter uma organização autopoietica¹ de enorme escalabilidade e interatividade; e (c) produzir revoluções de código aberto, onde saberes, técnicas, práticas e estratégias são aprendidas e replicadas com melhorias pelas distintas sociedades conectadas.

Como parte fundamental da *tekné*² deste novo movimento global, está a cartografia, que revela sua enorme importância para os processos de auto-organização, de ação distribuída e descentralizada, inclusão e imaginação social.

Esta dimensão emancipadora da cartografia tem como referente o pensamento dos filósofos franceses Deleuze e Guattari, que foram os primeiros a teorizar sobre a potência da apropriação da arte da cartografia pelos movimentos sociais:

“Fazer mapas, como fazem a orquídea e a vespa, é mais ação que representação; a cartografia, antes de representar um mundo que esteja dado, supõe a identificação de novos componentes, a criação de novas relações e territórios, de novas máquinas.”³

¹ A autopoieses é um neologismo proposto em 1971 pelos biólogos chilenos Maturana e Varela, para designar a organização dos sistemas vivos. Uma descrição breve seria dizer que a autopoieses é a condição de existência dos seres vivos na contínua produção de si mesmos.

² Aristóteles descreve a arte (*tekné*) como uma ação a partir da qual o homem produz uma realidade que antes não existia.

³ Félix Guattari e Gilles Deleuze que, em Mil Platôs (1980), propunham os princípios de cartografia e decalcomania para explicar o conceito de rizoma. Ainda hoje nos referimos mais aos territórios reticulares do que ao rizoma. Continua sendo interessante a relação que Guattari estabelece entre seu conceito de cartografia e os de agenciamento, máquina e produção de subjetividade. O arquiteto José Pérez de Lama tem escrito extensivamente a respeito.

A cartografia, como ferramenta de conhecimento crítico e insurgência, tem uma larga trajetória no estado espanhol, e vale destacar o trabalho de Cartac ou hackitectura.net. Vinculados em um momento inicial, ao que a mídia de massa denominou como movimento antiglobalização, nos últimos anos, produziram-se mapas alternativos do território geopolítico do Estreito de Gibraltar e das cidades de Sevilha, Málaga, Barcelona, Veneza e Atenas. Desde muito tempo, a cartografia vem convertendo-se em uma forma de ativismo global ⁴.

O objetivo deste artigo é re-compilar e sistematizar as diversas cartografias produzidas desde o movimento 15M, começando nas sequências anteriores – a partir da crise de 2008 –, percorrendo mapas da corrupção até o momento atual, da organização de campanhas contra os despejos e culminando com o mapa de movimentações globais do 15 de Outubro.

É uma produção própria da era digital em que nos encontramos, de caráter audiovisual e definida pelas comunicações instantâneas em rede. Sobre a tecnologia de software empregada, alguns dos mapas são *mash ups* (remixes) do google maps (serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens em satélite da terra), que têm acertado em sua definição e ímpeto. Outros são projetos desenvolvidos com software livre, em servidores autogestionados.

⁴ Ver o trabalho de *Bureau de Etudes* da França ou *Iconoclastas* da Argentina.

Desde o ponto de vista dos conteúdos, poderíamos classificar as cartografias do 15M em quatro categorias principais:

Mapas de análises e diagnóstico

São mapas descritivos, que analisam dados públicos e constroem representações críticas com os mesmos. Respondem à primeira fase de “indignação” do movimento.

Mapas de representação do movimento

São mapas que funcionam por agregação e são, por definição, interativos. São os mapas das acampadas, de marchas e dos fluxos de atividades nas redes sociais.

Mapas conceituais

O mapa conceitual é uma prática usada para a representação gráfica do conhecimento. Desenvolve-se uma rede na qual os nodos representam os conceitos e as conexões, as relações entre os conceitos.

Mapas para a ação

A última categoria é, quiçá, a mais nova e transformadora na fase atual da arte da cartografia cidadã insurgente e a que possui maior potencial para nos conduzir como sociedade a territórios inexplorados. São mapas criados em sua maior parte por hacktivistas e que, em muitos casos, supõem a programação e melhoria de novas ferramentas de software.

MAPAS DE ANÁLISES E DIAGNÓSTICO

Casas tristes



Plataforma web2.0, que visualiza as casas vazias na Espanha, esclarecendo de maneira gráfica e acessível, diferentes aspectos econômicos e sociais vinculados ao problema de acesso à moradia na Espanha. Denuncia a elevada porcentagem de casas vazias na Espanha.

<http://casastristes.org>

Cidades sem fronteiras



Campanha impulsionada por uma extensa rede de cidadãos espanhóis e estrangeiros, com e sem papéis, que se rebelam contra a discriminação e reivindicam a igualdade, denunciam a precarização e ressaltam os direitos de todas as pessoas que habitam as nossas cidades. Localiza espaços de exclusão, barreiras, faz denúncias, assinala lugares de encontros e tudo aquilo que possa se pensar desde a cidade com e sem fronteiras.

<http://www.ciudadessinfronteras.net>

Corruptódromo



Elaborado pela plataforma cidadã Não votem nel@s, situa os pontos cruciais de nosso país, onde se têm denunciado casos de corrupção política. Destacam especialmente o litoral levantino (parte do mediterrâneo ocidental da Espanha) e a Comunidade de Madri. A plataforma Não vote nel@s, que pede o não-voto ao PP, PSOE e CiU, tem desenvolvido um Wiki (ferramenta de edição online), onde os internautas podem incorporar mais lugares e onde se tem denunciado casos de corrupção. Já contam com 177 casos documentados.
<http://wiki.nolessvotes.org/wiki/Corruptódromo>

MAPAS DE REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO

Mapas das acampadas



No mapa, podem-se observar tanto as acampadas que atualmente estão surgindo nas distintas praças, quanto as que têm previsão de acontecer nos próximos dias e as que foram desocupadas pela polícia.

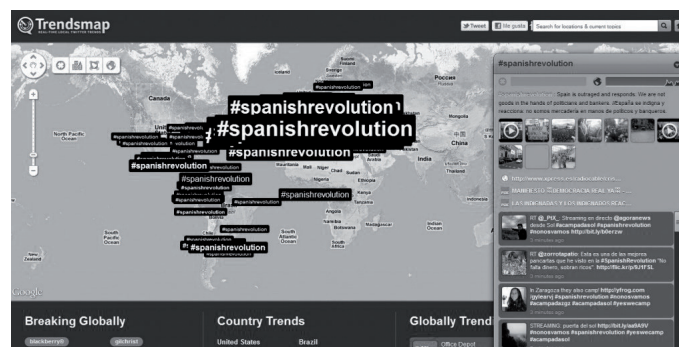
“As acampadas são somente um símbolo. Na realidade estamos em todos os lados. Educamos seus filhos, preparamos suas comidas, recolhemos seu lixo, conectamos suas chamadas, dirigimos suas ambulâncias e inclusive os protegemos enquanto dormem. As pessoas não deveriam temer o governo, o governo deveria temer a seu povo. Nós somos o povo, nós somos o sistema, somos anônimos, somos legião. Não esquecemos, não perdoamos, espere-nos.”
<http://www.thetechnoant.info/campmap/>

O Disparate



A Espanha é um dos principais atores na compra e venda internacional de armas. Cada ano, as distintas comunidades autônomas importam e exportam armas a diversos países, com valores de milhões de euros. Quem conhece quanto gasta a sua comunidade com a compra de material bélico? Quem sabe a que países se vendem as armas produzidas em sua comunidade? O Disparate é uma iniciativa que pretende mostrar com clareza o opaco mercado das armas, o grande disparate do comércio legal da morte.
<http://www.eldisparate.de>

Mapa das conversas



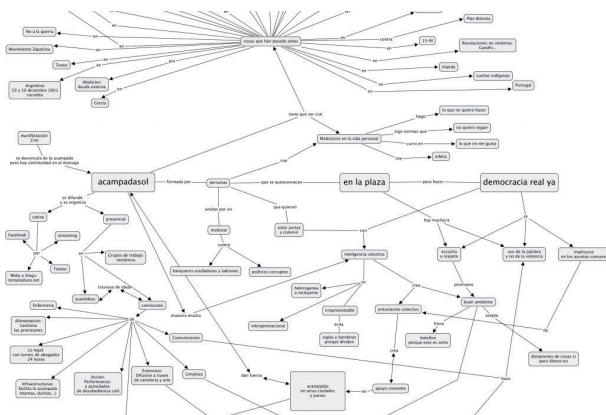
Trends Map é uma ferramenta de “escuta ativa” que, em tempo real, analisa todas as conversas que se produzem no *twitter*. Tem uma visualização em tempo real sobre o mapa, geolocalizando as palavras, os *hashtags* que estão sendo produzidos no momento, para poder observar quais são os temas por países e cidades.
<http://trendsmap.com/topic/%23150>

Interações entre usuários 15M

Mostra geoposicionada de mensagens entre os participantes do movimento 15M em redes sociais. Uma linha entre os pontos indica o que o nodo de partida tem mencionado nesse momento ao nodo de chegada. Realizado pelo Instituto de Investigação em Bio-computação e Física de Sistemas Complexos da Universidade de Zaragoza.
<http://15m.bifi.es>

MAPAS CONCEITUAIS

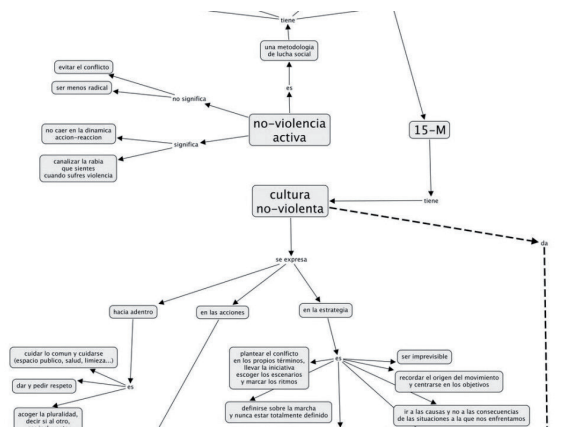
Mapa conceitual da acampadasol



Este mapa conceitual se transborda a cada instante e está permanentemente actualizado. É somente uma ajuda para pintar o irrepresentável. É um mapa humilde, incompleto, inerentemente precário.

<http://www.unalinasobreelmar.net/mapa-conceptual-de-la-acampada/>

Mapa da não-violência



<http://www.unalinasobreelmar.net/2011/08/15/mapa-conceptual-de-la-no-violencia-del-15-m/>

MAPAS PARA A AÇÃO

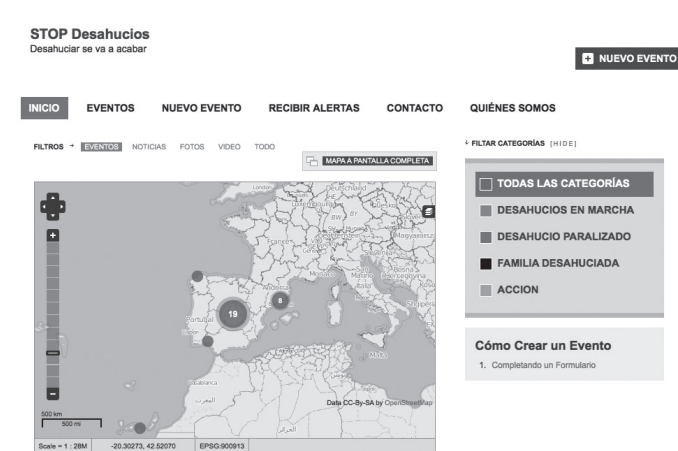
Mapa para a denúncia do 27M



É um mapa da praça Catalunha (Barcelona, Espanha), que inclui um formulário criado com o objetivo de reunir informação sobre o que sucedeu no dia 27 de maio de 2011, na “operação de limpeza”, por parte dos órgãos de segurança. Na dita operação, o corpo policial agrediu muitas pessoas, roubaram objetos pessoais, foi limitado o direito de reunião, entre muitas outras violações dos direitos humanos. A finalidade deste mapa-formulário é saber quantas pessoas foram prejudicadas e de que maneira o foram, para poder fazer um informe mais completo.

<http://acampadadebarcelona.org/denunciacolectiva27m>

Campanha Pare os Despejos



Os ativistas de tomaplaza.net, em colaboração com a PAH (Plataforma de Afetados pela Hipoteca), têm desenvolvido um mapa de despejos, para que qualquer pessoa que queira colaborar (agregando informação, participando na resistência anti-despejo ou solicitando ajuda contra seu próprio despejo), pode agora fazê-lo facilmente. A ferramenta envia alertas para se saber quando e onde famílias vão ser despejadas^[5].

<http://stopdesahucios.tomaplaza.net>

15O: UM MAPA DE AÇÃO DO TAMANHO DO PLANETA

Cinco meses depois do 15 de Maio, repete-se uma convocatória como a de então, mas o mapa já não é mais o do estado espanhol, mas o mapa do mundo. A demanda por uma democracia participativa se estendeu a quase metade dos países do planeta e, em mil cidades, acontecerão marchas e ocupações de praças sob o lema unitário de “Unidos pela mudança global”.

Mapa da mobilização global de 15 de outubro



Dando uma olhada no mapa do mundo sobre o qual se tem representado com um ponto vermelho cada um dos atos programados, dá para se ter uma ideia de como, em poucos meses, a indignação tem se estendido como uma mancha de tinta. As ocupações que começaram em setembro, nos Estados Unidos, continuam e existem manifestações previstas em lugares tão distintos e afastados como Santo Domingo, Hong Kong, Dakar, Belo Horizonte, Johannesburg, Cairo, Melbourne e Moscou.

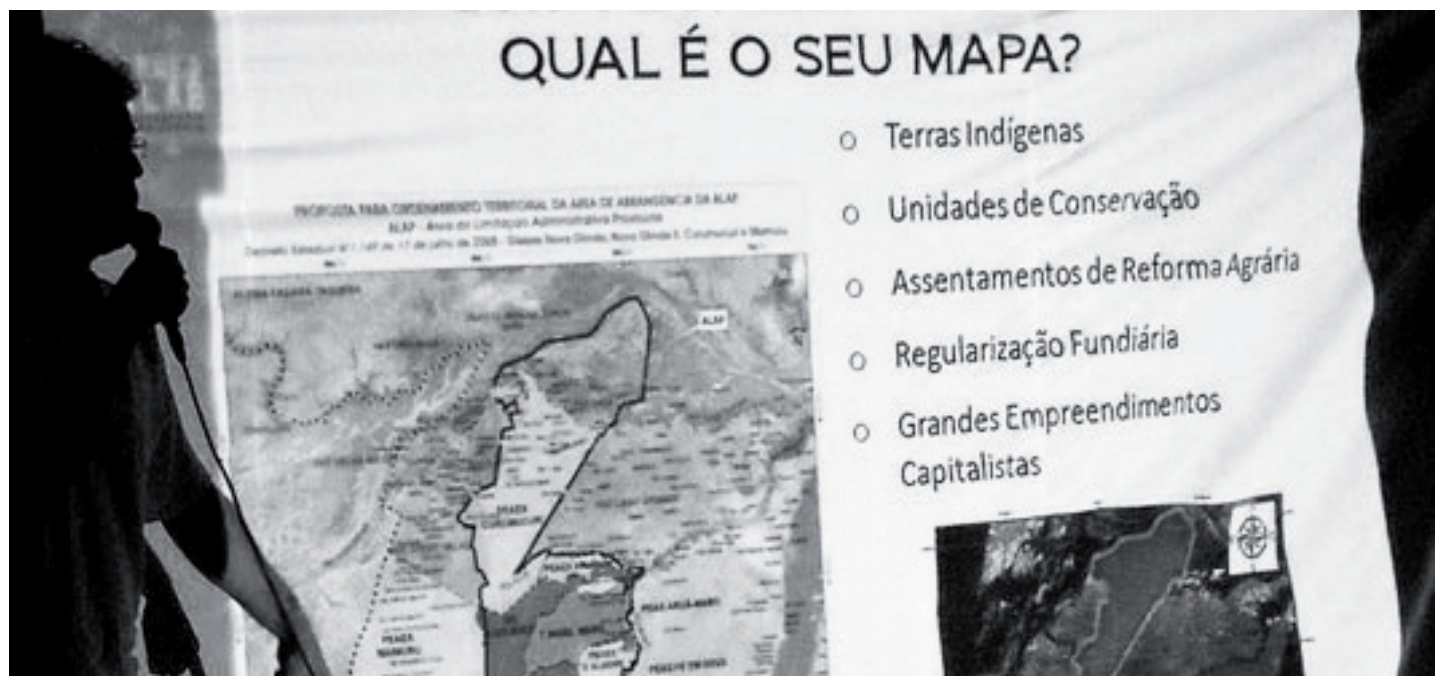
<http://map.15october.net>

http://convocatorias.democraciarealya.es/?id_plan=3

“RT @isaachacksimov: vejo mais de 80 petições/segundo a 15october.net há 36 horas, algo vai acontecer... algo grande... #15Oready”

Mapas, mapeamento e disputas territoriais na Amazônia

RICARDO FOLHES em roda de conversa



Minha última experiência de pesquisa vem acontecendo no Vale do Jari, que fica numa região de fronteira entre os Estados do Amapá e Pará. Fui convidado pra fazer um trabalho de mapeamento dos conflitos no Vale do Jari pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém- STTR, e lá chegando, em novembro do ano passado, na região de Monte Dourado – município de Almeirim, constatei que a situação fundiária era bem mais complexa do que o STTR poderia imaginar. Vimos que com o conhecimento que possuíamos tanto da região como da situação dos diferentes posseiros lá existentes não teríamos como fazer nenhum trabalho de mapeamento participativo ou poderíamos correr o risco de fazer um mapa que nem de longe tivesse capacidade de representar a complexidade da situação de conflito lá existente.

Foi então proposto ao STTR a necessidade de permanecermos mais tempo na região convivendo com os posseiros, fazendo levantamento da história, tentando entender melhor a situação. Durante esses contatos iniciais começamos a receber várias doações

de vídeos. Existe uma situação de conflito lá entre mais de 1000 famílias com uma grande empresa que no último ano deu origem a uma série de processos de reintegração de posse. A empresa chegava, derrubava a casa de muita gente, expulsava eles da terra e eles começaram a registrar isso com celular, com máquina digital. E quando eu estive lá eles começaram a me passar – inclusive alguns depoimentos que eles registravam. Surgiu então a ideia de editarmos um filme que pudesse contar um pouco da história das relações políticas da região hoje, enfim, que a gente pudesse materializar um pouco a situação de conflito num documentário.

Bem, a história dos mapas é tão antiga quanto a história da civilização. Inicialmente, mapas foram muito utilizados como apoio ao planejamento da divisão de terras e aí tem alguns registros bem interessantes de mapas realizados no Delta do Rio Nilo que serviam ao planejamento territorial, anualmente. Eram feitos em argila, nas pedras, etc. A partir do século XVI esse processo ganha corpo com uma dis-





ciplina, ele começa a se tecnificar, fica meio que excludente - quer dizer, o mapeador passou a ser um matemático que detinha um determinado conhecimento científico, que seguia um método científico, e ele é que tinha a legitimidade pra poder fazer.

Dando um corte temporal grande, podemos dizer que hoje a cartografia é uma área do conhecimento amplamente tecnificada que permite fazer cruzamento de grandes bases de dados, embora simbolicamente o processo de representação dele seja simples, mas eles agregam uma complexidade de dados muito grande e sistemas de informação bastante complexos, que por outro lado também vem possibilitando atualmente que o processo seja democratizado novamente. A produção cartográfica brasileira desse século ficou na mão do governo, dos órgãos públicos até os anos 60, 70. A partir de então o processo ainda era bastante caro, com algumas empresas ainda entrando no mercado, e a partir dos anos 90, principalmente nos últimos dez anos as tecnologias de informação: software livre, enfim, essas novas mídias vem possibilitando que haja um processo de democratização novamente. E a gente tem que problematizar esse processo.

Historicamente, mapas muitas vezes foram utilizados pra legitimar determinadas posições hegemônicas em relação ao território. Tem um exemplo bem clássico: os mapas produzidos pelos americanos na Guerra Fria que uniam o território do Alasca ao território da Sibéria pra aumentar o temor de uma invasão russa entre os próprios americanos, e isso fazia com que houvesse uma legitimidade política. Internamente havia destinação de recursos pra indústria bélica. E na história recente da Amazônia brasileira isso não foi diferente. Se a gente for analisar o projeto RADAM¹...você sabem o que é o projeto RADAM? O projeto RADAM foi talvez o primeiro mapeamento de larga escala da Amazônia realizado por instituições brasileiras – com apoio de órgãos internacionais. O projeto RADAM mapeou em grande escala a distribuição de recursos naturais a distribuição de florestas. Ele deu um

¹ Assim, em 1970, no âmbito do Ministério de Minas e Energia, cria-se o Projeto RADAM propriamente dito, com a finalidade de implementar um Programa de Sensoriamento Remoto por Satélite e realizar, com base nas imagens assim obtidas, o levantamento integrado dos recursos naturais em uma área de restrita a 1.500.000 Km² ao longo da rodovia Transamazônica, posteriormente ampliada até abranger a totalidade da Amazônia Legal. Fonte: <http://www.projeto-radam.nom.br/metodologia.html>

impulso significativo ao planejamento territorial da Amazônia, mas fundamentalmente ao planejamento de atividades econômicas, ao loteamento dos recursos naturais da Amazônia.

É muito curioso observar que o projeto RADAM em nenhum momento humaniza os mapas. Não há distribuição de comunidades, de municípios, de gente. Em grosso modo toda essa ausência de dados sociais nos mapas produzidos pelo Projeto RADAM contribuiu com a legitimação do lema “Terra sem gente pra gente sem terra” do governo militar.

CADÊ A GENTE DESSA TERRA NESSA REGIÃO?

Existe um processo de migração bastante antigo. Nos anos 70, foram criadas grandes políticas regionais, de integração regional, de colonização – a Transamazônica e antes dela, a Belém-Brasília foram criadas a partir desses projetos. Então você começa a ter políticas públicas concorrentes também. Em 70 foi criado o INCRA, os projetos de integração, integrados de colonização na região da Transamazônica em construção. Em 1973 foi criado o Estatuto do Índio². Começava ali já a criação de legislações que depois da Constituição de 88 deram emergência a uma série de direitos: direitos a terra, direitos étnicos, etc...

A partir dos anos 90, mais nos últimos dez anos na Amazônia, várias experiências de cartografia participativa vem apresentando de alguma maneira contestações a essa conjuntura instalada pelos grandes projetos e de certa medida a coisa caminhou de tal forma que hoje a gente já não sabe mais pra quem a participação está servindo.

Um exemplo de disputa cartográfica, derivada de uma disputa territorial: Rio Tapajós – Rio Amazonas. Santarém fica na confluência dos dois rios. Divisa do Estado do Amazonas e do Estado do Pará. Aqui uma das últimas regiões de floresta em terras públicas estaduais do Pará que recentemente foi palco de uma disputa muito grande que fez com que a Ana Júlia (ex-Governadora do Pará) decretasse em 2008 uma área de limitação administrativa provisória pra toda essa região, pra que esses conflitos pudessem ser mediados.

² O Estatuto do Índio é o nome pelo qual ficou conhecida a lei brasileira Nº 6.001, que dispõe sobre as relações do estado e da sociedade com os povos indígenas.

Eu participei da mobilização, da elaboração de uma proposta dos movimentos sociais e acompanhava toda a mobilização do setor madeireiro, que também produziu muitos mapas com vários indicativos de áreas para a exploração madeireira, reserva para futuras explorações madeireiras. São perspectivas amplamente antagônicas.

A gente tá agora na região vendo acontecer a concessão de florestas públicas. Existe uma lei no Brasil chamada Lei de gestão de florestas públicas, desde 2006, que prevê a licitação de florestas públicas para grupos empresariais. Então, essa região toda compõe uma área de quase 800.000 hectares que vão ficar à disposição do processo de licenciamento de florestas, e a área é bastante habitada.

Nós temos no Brasil o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE que há pelo menos sete anos disponibiliza imagens recentes do mundo inteiro de dois satélites diferentes, um satélite americano e um satélite produzido pelo Brasil em parceria com a China. Essas imagens juntas ao uso de softwares livres possibilitam a realização de vários trabalhos - num site do INPE você também baixa o software pra poder fazer mapas, manusear essas bases de dados. Isso em convergência com o uso de GPS que também se popularizou bastante, onde muitas organizações sociais já tem pelo menos acesso a 1 GPS e pontos de internet livre. Na Flona - Floresta Nacional do Tapajós pelo menos três comunidades têm acesso aos telecentros de inclusão digital, do outro lado do rio também tem. Existem programas de integração entre esses telecentros. Na época que eu trabalhava numa ONG local, o Projeto Saúde e Alegria de Santarém, a gente pensava muito na integração da produção cartográfica associada ao uso dos telecentros pra poder disseminar e criar desde sistemas de vigilância até a democratização das informações coletadas.

Atualmente você vê o processo de mapeamento participativo sendo desenvolvido pela academia: são vários etnomapeamentos em curso, etnozoneamento, mapeamento de uso da terra que são utilizados em processos de pesquisa. As ONGs trabalhando cada vez mais nisso: fazendo inventário de recursos naturais, apoiando as questões indígenas, realizando etnozoneamentos, muitas fazendo mapas de conflitos. Mais recentemente está entrando na cena fundações criadas por empresas para realização de mapeamento participativo. Vocês viram no vídeo a Fundação ORSA que é uma organização não governamental criada por uma empresa pra fazer intermediação de conflitos. Muitas dessas fundações estão entrando no viés da cartografia participativa. E tem também as políticas públicas, por exemplo, o Sistema nacional de unidades de conservação que foi criado em 2000 e que pressupõe a elaboração de planos de manejo participativos pra algumas modalidades de unidades de conservação, como as

reservas extrativistas. Toda reserva extrativista tem que ter um processo participativo de elaboração de planos de manejo. E o mapeamento participativo é uma ferramenta muito usada. Entretanto, o que muitas vezes poderia ser entendido como um direito ou benefício, acaba funcionando como ferramenta de controle e vigilância, que procuram - pelo viés da participação, legitimar ações e políticas de Estado, de empresas e de ONGs, numa tentativa de apaziguar conflitos fora dos limites territoriais das unidades de conservação.

Giseli Vasconcelos: Esses inventários e planos participativos que viraram tava nacional, o zoneamento econômico e ecológico passa por fora. Queria que tu colocasse a visão que tu tens do zoneamento econômico e ecológico.

Ricardo Folhes: Eu trabalhei no zoneamento econômico e ecológico do Estado do Pará. Fazia a integração de dados produzidos por dezenas de pesquisadores do meio físico e socioeconômico. Excelente trabalho de pesquisa que depois de integrado era apresentado em audiências públicas com objetivo de realizar de maneira participativa o mapeamento em cima daquela base integrada. No entanto, a capacidade dos participantes das audiências públicas fazerem contribuições qualificadas sobre as bases cartográficas disponibilizadas foi muito prejudicada pelo tempo destinado a essa atividade, que não possibilitava a realização de debates aprofundados. Porém, como de fato mapas eram disponibilizados e pessoas variadas rabiscavam sobre eles, a “participação” mesmo desorganizada e pouco qualificada acabou legitimando as audiências públicas, que foram vendidas como participativas.

Celi Abdoral: Não existe modelo de desenvolvimento que seja sustentável. Essa é a forma como eu penso.

Artur Leandro: É que gera aquele termo (sustentável) e de repente o capital ou o meio de produção se apropria do termo pra transformar a ideia que se tem de desenvolvimento sustentável numa coisa completamente diferente.

Ricardo Folhes: A experiência da Fundação ORSA é bem emblemática nisso que você tá dizendo. Penso que devo explicar o que é o FSC, acho que quase ninguém deve saber aqui. FSC é um certificadora de boas práticas sociais e ambientais. Ela certifica a exploração de produtos madeireiros e não madeireiros. E ela ratifica que naquela exploração as comunidades foram incorporadas nos processos produtivos e a legislação nacional foi obedecida. Teoricamente haveria um sistema de inclusão social e de respeito às questões ambientais. Embora o FSC seja a organização com maior respaldo em nível mundial, em vários lugares do mundo já sofre contestações muito sérias. Por exemplo, ela começou a certificar há alguns anos a produção de Eucalipto na Amazônia, ela





Legenda

- Comunidades
- Estradas e Ramais
- Drenagem

- Áreas que o Grupo Orsa tenta regularizar nos Estados do Pará e Amapá
- Área que o Grupo Orsa tenta regularizar no Estado do Pará
- ▨ Plano de Manejo operado pela Orsa Florestal certificado pelo FSC

- Estação Ecológica do Jari
- Unidade de Conservação Estadual
- ▨ Reserva Extrativista do Cajari

certifica o grupo ORSA. Então que lógica ambiental é essa que entende ser viável ambientalmente falando a produção de eucalipto na Amazônia?

Eu coloquei aqui rapidamente “cadastros participativos viraram tара nacional”, por que vocês não imaginam o quanto hoje as comunidades são procuradas por pesquisadores, ONGs, governos, diferentes projetos. Todo mundo chega com o GPS, muitos querem fazer oficina de capacitação de GPS, depois pega todos os dados que o cara coletou e nunca mais retorna na comunidade. Você não sabe pra quê isso está sendo usado. Tem um cara que numa mesma árvore já bateu mais de cem vezes um ponto com GPS...tô exagerando bastante... mas é mais ou menos por aí.

Existe uma série de metodologias de mapeamento participativo, na verdade não existe uma maneira única de fazer isso, mas as diferenciações acontecem desde a escolha dos objetivos. Muitos projetos de mapeamento chegam prontos às comunidades ou a um determinado movimento social, quer dizer, eles não tem nem a oportunidade de discutir o que eles vão fazer. Eles são incluídos no processo porque são parceiros de uma determinada ONG, que se beneficiam de outros projetos, e o mapeamento é mais um deles.

Alguns procedimentos de mapeamento discutem a questão metodológica antes de fazer o mapeamento propriamente dito – isso eu acho fundamental: os caras tem que opinar a forma de fazer e estar envolvidos desde o início mesmo. O processo

tem que ser participativo inclusive na discussão de concepções.

Na coleta de dados, a participação e capacitação de GPS, muitas experiências usam apenas imagens, bases cartográficas, e a partir dessas bases cartográficas o pessoal desenha, faz inventários de recursos ou de limites comunitários ou de limites de áreas reivindicadas, disputas territoriais. Pouquíssimas experiências trabalham de maneira participativa com a definição de cores, os mapas, dos símbolos, da melhor maneira de representar determinado problema ou conflito ou zona. Menos experiências ainda discutem os resultados dos mapas: quais usos políticos esses mapas devem ter, quais são as estratégias políticas que eles podem orientar. E depois na gestão de dados, os resultados são gerados por aquele que levou o recurso. E as populações locais em suas variações identitárias e de mobilização política, como ficam? Essa é uma discussão boa. Essas denominações, autodenominações, denominações exógenas: a “população tradicional” não deixa de ser uma, largamente aceita, “povos da floresta”, outra...

Celi Abdoral: Exatamente, a nomenclatura vai ser, de certa forma, o olhar que se dá...É um dos paradigmas interessantes na cartografia é que a gente possa ter a atenção de olhar a forma como as pessoas se autoidentificam. É a escuta, a atenção no momento do traçado da cartografia...

Ricardo Folhes: Tive uma experiência num assentamento de reforma agrária em duas reservas

extrativistas no Estado do Amazonas, foi muito interessante. Fui fazer o mapeamento de uso da terra, e os agentes ambientais do ICMBio³ ficavam preocupados quando as comunidades mostravam no mapa o uso da terra fora dos limites da unidade de conservação. Um limite de unidade de conservação é um limite imposto, um rio que na verdade não limita a interação de quem tá de um lado da margem do rio pro outro... aqui unidade de conservação, aqui reserva extrativista, aqui terra indígena e ali é uma outra modalidade de unidade de conservação que por lei não permite a presença humana, embora muitas vezes elas sejam criadas aonde há bastante gente morando secularmente...

No momento em que a gente fazia o mapa de zoneamento, o mapa de uso da terra, as comunidades mostravam os seus usos pra dentro da terra indígena e os caras do ICMBio ficavam descontentes por que isso *provavelmente* causaria um problema institucional com a FUNAI.

Celi Abdoral: Um outro exemplo dessa manipulação é quando se compara dois mapas importantes que foram cartografados ali na área da Volta Grande onde vai ser construído o projeto de Belo Monte. E vê uma diferença muito clara quando percebe que o mapa cartografado pelo grupo que coordena a implantação da hidrelétrica: diversas comunidades não aparecem no mapa, e esse mapa é referenciado pela FUNAI. Então a gente se pergunta, Quem é que indica o Diretor da FUNAI? O Presidente da República... Já no mapa que foi construído por técnicos e apoiadores do *Comitê Xingu Vivo para sempre*, várias comunidades que aparecem não foram identificadas no mapa oficial da implementação do projeto. Como é que isso vai impactar nessas comunidades? Isso vai impedir que essas comunidades possam ser beneficiadas ao menos do processo de mitigação que já é por si só um processo terrível, porque implica numa não escolha, numa aceitação, e essa não escolha também vem acompanhada de um pagamento em dinheiro, você é indenizado de certa forma porque é considerado um atingido. E aí a gente vai ver um novo nível de tensão política, a disputa de quem é e quem não é atingido nesse grande projeto.

Ricardo Folhes: Vimos aqui o projeto Jari. Na primeira vez que eu estive lá, recebi de alguns comunitários um mapa produzido por duas ONGs que tinham estado lá meses antes, em nome de um projeto de desenvolvimento sustentável para o município de Almeirim. Eles fizeram uma cartografia bastante intensa, foram mais de vinte mapas produzidos. Me chamaram atenção pelo menos dois mapas: um **mapa**

de comunidades, que só aparecem 5 comunidades em um universo de 127, sendo que as 5 comunidades são justamente as parceiras da empresa; e o **mapa de uso econômico** onde aparecem somente os arranjos produtivos de interesse da empresa.

Algumas coisas pra gente discutir: Como surgem estas experiências de mapeamento? Existe um processo muito intenso de vir de cima pra baixo, de ser ofertado às comunidades, havendo pouco tempo para a discussão da validade de um projeto desses. Se os caras querem fazer mesmo ou não, mapear pra que? Vamos mapear o quê?

Então, muitos processos participativos, no caso do zoneamento econômico e ecológico, são feitos pra legitimar uma ação de Estado que já foi levada pronta pra eles, e que ganhou uma conotação participativa porque num dia juntou um monte de gente de movimento social em torno de um mapa e a partir dali, aquele mapa de zoneamento ganhou a alcunha de um mapa participativo.

Celi Abdoral: Eu só queria fazer uma complementação dessa ideia do participativo. Como é que esse processo de implementação participativa do projeto de Belo Monte tá acontecendo na Região do Xingu, que ali é a região da Terra do Meio é a última reserva de Mogno do Estado. O processo participativo acontece a partir de audiências públicas onde as comunidades vão ser ouvidas e as partes envolvidas também vão ser ouvidas, e o fruto desse processo é uma consulta à comunidade, uma consulta de autorização. No plano ideal, esse instrumento é muito interessante de exercício direto de democracia, mas quando a gente pensa em Amazônia, Brasil e Latino América a gente não pode pensar em um substrato ideal de democracia. Podemos no máximo falar que existe uma democracia formal nos códigos processuais, nos substratos legislativos, mas não se pode falar de uma democracia substancial. Então esses processos de consulta à comunidade, que na maioria das vezes são audiências públicas, são processos que substancialmente não são válidos porque a comunidade chega no espaço, a mesa é tomada por autoridades, a divisão dos tempos de falas são desiguais e na maioria das vezes as comunidades não tem acesso à informação segura. A gente tem percebido também que em algumas audiências públicas existe a presença ostensiva armada dos grupos de segurança, e em especial da Força Nacional. Ao final de tudo, esses processos de audiências públicas servem muito mais pra legitimar a pretensão governamental e dos grandes grupos empresariais do que promover um processo democrático de diálogo e de consulta à comunidade, como deveria ser.

3 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é uma autarquia em regime especial. Criado dia 28 de agosto de 2007, pela [Lei 11.516](#), o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente. Fonte: <http://www.icmbio.gov.br/portal/quem-somos/o-instituto.html>

Invisibilidades e Questões de Gênero

CELI ABDORAL

Tomando o vídeo exibido como ponto de partida, gostaria de fazer algumas considerações sobre lugares e não lugares, questões de invisibilidade e de reconhecimento; além de outras questões que são reflexos das demarcações simbólicas sobre a divisão sexual do trabalho, presentes no contexto dos Grandes Projetos e nas propostas de desenvolvimento pensadas para a Amazônia. Essas demarcações influenciaram e influenciam decisivamente não só no processo de colonização recente da região como também as definições cartográficas clássicas que são traçadas sobre ela.

No filme, as falas dos representantes das instituições e órgãos envolvidos nesse Grande Projeto, e, até mesmo a fala das lideranças do movimento social local, são quase sempre masculinas. Quer dizer, feitas por homens, ainda que os problemas atinjam mulheres e homens.

Assim, o vídeo vai mostrando essas demarcações dos lugares, onde tudo o que é público acaba sendo do âmbito masculino e tudo que é privado do âmbito feminino, não reconhecido ou subvalorizado - em termos comparativos e proporcionais podemos pensar no Congresso Nacional, por exemplo. É a falta desse reconhecimento que infelizmente reforça a superexploração feminina e a invisibiliza.

Traçar uma outra cartografia da ocupação da Amazônia, possibilita reconhecer que nesse processo, juntamente com os homens pioneiros vieram também as mulheres pioneiras - e elas vieram para fazer esse serviço do lugar que é estabelecido para nós na sociedade, na divisão sexual do trabalho, que é o âmbito do privado. Apesar de não haver o devido reconhecimento - são atividades que possuem a mesma dignidade que as desenvolvidas por homens.

Então vieram para cozinhar, para lavar, para passar, para prestar serviços sexuais. Também faziam atividade de garimpo, coleta do látex e agricultura. O filme é muito interessante e mostra, na primeira fala uma mulher relatando justamente essa realidade de migração feminina para a Amazônia. São mulheres em busca de estratégias de sobrevivência, como no caso desse Projeto, onde se estabeleceram nas casas de prostituição, tabernas, vendas e cozinhas ali no entorno do "beiradão" e do "beiradinho". A questão também é dialética, pois no caminho, cada vez mais conquistamos espaços e formas de reconhecimento, presidimos sindicatos e nos auto organizamos.

Não é a toa que, o conteúdo imagético de fora,

a visão primeira da coleta do látex, na colonização do Acre, por exemplo, é geralmente a de um homem com uma cuia na mão e uma faca, que vai lá lascar a árvore nos seringais, como se nesse processo não existisse também nenhum dos trabalhos das mulheres.

Da mesma maneira, podemos pensar que uma grande a companhia, sempre adota como um de seus marketings a estampa de cuidado, limpeza e eficiência, e nessa lógica os trabalhadores devem se apresentar sempre com o uniforme impecável - e isso é capital social para a empresa. Aí me vem a pergunta: quem cuida dos uniformes dos trabalhadores dessas grandes companhias? Certamente são, em grande maioria, as mulheres, que lavam, engomam e passam esses uniformes, e isso é apropriado em forma de capital social; mas, no entanto o trabalho dessas mulheres é invisibilizado. E nessa relação perversa de invisibilidade, a apropriação do trabalho feminino por grandes empresas que se instauram na Amazônia ocorrem de diversas maneiras. Esses são só alguns exemplos.

É por isso que eu costumo dizer; se a gente parar para pensar nós somos muito filhos das putas, e somos mesmo. Resignificando o sentido do termo, no processo do serviço sexual na Amazônia, foi onde os filhos nasceram - então nós somos mesmo filhos das putas com muito orgulho. E vejam, não se quer com isso, em hipótese alguma, reduzir o trabalho feminino ao trabalho sexual.

Eu queria dizer assim, quando falamos de prostituição e das prostitutas, a ideia da vitimização não é uma ideia boa, por que ela traz uma ideia de passividade. Na verdade, nós mulheres também ingressamos no mercado do sexo, como estratégia de sobrevivência, nem sempre somos enganadas, sabemos que iremos desenvolver o mercado do sexo, muitas sabem de tudo isso. O problema é que costumamos colocar no lugar comum "ai coitadinhas, elas iam trabalhar como babá e não sabiam". Algumas sim! Mas outras sabiam. O fato de se trabalhar no mercado do sexo, o fato de você trabalhar em uma fazenda ou carvoaria, o fato de você precisar tanto, que essa necessidade faz com você disponibilize sua dignidade não dá ao outro o direito de a aviltar. Quando a gente fala de aviltamento da dignidade na exploração sexual não estamos falando de usar ou não usar o serviço da prostituição, mas sim de exploração sexual, que é o uso do trabalho desrespeitando a dignidade da profissional, ou do profissional do sexo, sobretudo no



Bela Gorda - Paloma Franca Amorim

que diz respeito a sua autonomia e as garantias mínimas de desempenho de um trabalho, como acontece em qualquer outro. Não existe trabalho indigno, o que existe são condições indignas de trabalho!

E assim, gosto sempre de falar sobre isso, porque é um processo que acaba sendo invisibilizado, ao final de contas, quando se discute cartografia, ou se discute a questão social dos impactos dos Grandes Projetos pouco se discute o papel das mulheres neles. Em Serra Pelada, por exemplo, e aquele “formigueiro” de homem andando com baldes na cabeça. Na foto tão famosa sobre a Serra Pelada não se vê, por exemplo, a referência do trabalho feminino, nenhuma fotografia, nenhum documentário - e é uma parcela muito expressiva desse trabalho. A cidade que se ergueu no entorno, agregando famílias e pessoas, recebeu muitas mulheres que migraram para Serra Pelada, não só para trabalhar como garimpeiras, mas também em serviços domésticos, pequenas vendas, cozinha e para trabalhar no mercado do sexo, se é que a gente pode falar assim, porque na verdade; no contexto desses Grandes Projetos o que mais se vê é exploração sexual e não prostituição, que são coisas completamente diferentes. A primeira é violação dos direitos humanos fundamentais da pessoa explorada; a segunda é estratégia de sobrevivência de mulheres autônomas - é, portanto trabalho. Atualmente, a comunidade de Serra Pelada ainda existe, mas vive esquecida na poeira tóxica da estrada que corta a comunidade, Hoje, é a localidade com o maior

número de hansenianos do mundo; enorme número de idosos e mulheres vivendo no calabouço do fundo do poço da linha da pobreza; e hoje não podem sequer explorar a mina, já que o conflito envolve outro Projeto, o da mineradora “Serra Leste” cuja principal responsável é a Vale.

A gente costuma falar muito em trabalho escravo, e a sua característica política do aviamento em fazendas e carvoarias: nela o trabalhador já sai de casa devendo o dinheiro da passagem, chega lá deve o sabonete que custa 30 reais, deve o aparelho de barbear que custa 30 reais, e, assim ele se vê numa dívida que se transforma no seu próprio cárcere, ele não sai da fazenda. Primeiro porque a mesma está vigiada ou ele não viu por onde entrou; devendo pode morrer; ou ainda acredita que deve honrar a dívida, mesmo ela sendo injusta, pois o que lhe resta é sua honra de pessoa honesta, e por isso, muitas vezes consente com a exploração de si, por não ter outra opção melhor. É o que eu chamo de consentimento inoptável de aviltamento da dignidade.

No entanto, ainda no processo de invisibilidade sequer vemos que também as mulheres são alvos dessa política do aviamento no âmbito da exploração sexual como forma de trabalho escravo nos mesmos moldes. Se passarmos em uma estrada ao lado de uma pensão onde tem o peão de trecho, ali aguardando para ser arregimentado pelo “gato”, para ir para as fazendas ou garimpos - lá tem também a outra pensão - a casa de tolerância (como dizem no



Aurora - Paloma Franca Amorim

mais perverso machismo), pois lá elas toleram tudo, as garotas de programa, as meninas de programa que também chegam nesses lugares, através da mesma lógica do trabalho escravo.

As suas passagens também são “financiadas” a um preço exorbitante, ou são levadas sob violência; e lá, precisam pagar muito caro pelo perfume, pelo sabonete, pela comida, pelo absorvente. São obrigadas a transar mesmo estando doentes de malária, sem pausa na menstruação, com extensas jornadas de trabalho. Se quiserem fugir, não podem - tem capanga armado vigiando; vivem em uma situação também de escravidão. E essa forma de trabalho indigno, se replica para todos os espaços ou conjunturas. Quem não conhece uma casa, na Capital mesmo, onde mandaram buscar uma menina pretinha de preferência e do interior pra trabalhar? “damos comida, estudo e roupa”, dizem. Aí, as roupas são as que não servem mais na filha, a escola é a pública e a comida é o que sobra do almoço.

E a situação se agrava ainda mais na geografia inter-fronteiras, porque, muita das vezes, a mulher estrangeira quando entra ou a mulher brasileira quando sai ficam em uma situação de ilegalidade – ou porque já assim chegaram ou porque muitas chegam portando passaporte, documentação, visto aprovado; mas têm seus documentos tomados ou destruídos - isso deixa as pessoas em uma situação de não documentadas, o que as faz cair nas “garras” da ilegalidade, da clandestinidade. Então, sem a situação de legalidade, não têm como acessar nenhum

tipo de política pública, se sofrem violação de direito, não podem ir à delegacia, porque se forem, acabam deportadas. Se sofrerem alguma agressão ou ficam doentes não podem ir a um posto de saúde, rebeber atendimento médico, porque lá vão constatar a situação de ilegalidade e serão criminalizadas, cuja pena mais comum é a prisão ou detenção até a data da deportação. Se sofrerem algum abuso no âmbito dos direitos trabalhistas, também não pode ir até a justiça do trabalho, porque também acabam deportadas. Se pararmos para analisar, isso é extremamente lucrativo dentro da lógica da máxima apreensão do lucro no capitalismo, tanto dentro do Brasil, que também recebe muitos migrantes (país emergente, sabe como é!!!) quanto com as pessoas que vão trabalhar fora daqui. É um mercado extremamente lucrativo e exploratório desse de migrantes não documentados, pois não podem reclamar nenhum direito e se submetem a todas as regras do jogo.

E importa atentarmos, pois, muitas das vezes mudam-se alguns termos e no entanto, as práticas continuam as mesmas. Nessa imposição de uma “globalização” de cima para baixo; a gente sai aí só falando, *now how, folow, in side/ out side, buusines, development, green energy, agrobusiness*, palavras super estrangeiras e atraentes - que no processo de cooptação ideológica também são estrangeiradas para que se reduza o impacto do dano e destruição que causam.

Hoje, escutamos com frequência se falar de bio combustível ou Green energy, mas poucos discu-

tem os processos de desestruturação das atividades tradicionais e ancestrais no uso do dendê e do coco de babaçu para a produção do biodiesel. Ruralistas passam a desenvolver agrobusiness, forma de maquiagem uma velha prática - a monocultura de latifúndio - agora com requintes de crueldade, pois trata as pessoas como lixo de difícil reciclagem humanística. A palavra só mudou, mas a lógica é a mesma, monocultura, latifúndio e trabalho escravo. E vejam, reflorestamento, também é monocultura de latifúndio - Tem fábrica de lápis que adora fazer, reflorestamento de eucalipto. Quando se planta uma monocultura de eucalipto nos solos da Amazônia, e depois usa a sua madeira pra fazer lápis, dá-se a mesma lógica da cana de açúcar e do álcool. Eucalipto sendo usado na mesma lógica, da monocultura, da apropriação do lucro, então é muita cara de pau querermos falar em reflorestamento com eucalipto na Amazônia. Apesar de que agrobusiness é uma palavra bem bonita...

Vistas de perto, as propostas de (des) envolvimento sustentável (última tendência da moda) não respeitam as comunidades locais e as afastam dos processos de decisão, por isso eu escarneço dizendo que essas propostas “(des) envolvem a comunidade”. No caso de Belo Monte- Rio Xingu- Pará o discurso é o da energia limpa, renovável e sustentável. Diversas comunidades indígenas e não indígenas perderão seu território, sua fonte de alimentação, pois o desvio afetará muitas piracemas.

O estudo de impacto ambiental e seu relatório - o EIA-RIMA, ainda que com diversas falhas, impôs o cumprimento de 64 condicionantes antes do início do Projeto. O Estado Brasileiro autorizou o início das obras, tendo o Consórcio Energético que é formado por multinacionais (dentre elas empresas subsidiárias da Vale) só cumprido 04 das 64. Um político da região, identificando-se com o projeto discursou em plena conferência nacional dos povos indígenas, que aconteceu ano passado no Xingu- em Altamira/ PA dizendo: “a vocês exigem 64 condicionantes? Então tá, 64: 6-4=2, 4 é mais que 2 - cumprimos mais

da metade, vocês estão é com sorte!!!”

Esse é o campo que se imergimos nossa ação, por isso gostaria de finalizar como eu gostaria de ter começado toda essa conversa, refletindo qual imaginário que a gente ocupa nos corações e nas cabeças dessas pessoas. Quanto mais se globaliza o discurso da globalização, mais exóticos nós nos tornamos, até para nós mesmos. E por falar em exotividade, lembrei das feiras dos bairros daqui da Amazônia onde a maioria só vende maçã, pera e uva. Passamos a tratar como exótico nosso cupuaçu, o bacuri a castanha - frutas que não encontramos mais com tanta facilidade nem na feira do Ver-O-Peso.

Essa é a parte antropofágica do processo de globalização, onde eu incluo o desejo e, falando em desejo ... E falamos muito sobre desejo hoje de manhã eu e Luizan - tornamo-nos iguarias exóticas também. No mercado do sexo e do turismo sexual globalizado os turistas e pessoas não buscam apenas nossas comidas exóticas, ou floresta e suas plantas e animais exóticos; buscam também degustar as pessoas e especialmente a mulher brasileira em sua exotividade - agora imaginem quando se pensa nessa parte dita misteriosa do Brasil, que é a Amazônia.

É temos que driblar as armadilhas do assistencialismo, que hoje repaginado, vem crescendo de métodos sutis e sofisticados como as teorias de participação, consulta e parceria com a sociedade civil, acabando por se colocar - sem uma avaliação mais crítica e autônoma sobre o novo papel do estado e das possibilidades de mudança - como melhor opção para a política de dominação, pacificação e de integração dos povos indígenas e das comunidades afetadas pelos impactos dessa proposta de (des) envolvimento pensada para a Amazônia e a Latino América. E/ou especialmente como alternativa à política de extermínio e limpeza étnica tão marcante no processo de formação do Estado Brasileiro.





Luanda - Paloma Franca Amorim

Na luta, vamos buscando estratégias de sobrevivência, construindo redes alternativas (alternativa é uma palavra que também voltou à moda) negociando nossa moeda de troca em ações coletivas (ações coletivas também é uma palavra que está na moda). Nessas terras daqui ainda são presentes os casos de extermínio, pistolagem, criminalização e imposição cultural.

Pra dizer por fim que nesse processo de enfrentamento e resistência, descobri - a partir da minha experiência com a rede aparelho, e as pessoas que eu conheci Arthur, Pedro, Bruna, Ângelo, Giseli, Nando, Darling, Luah, Romário, Lucas (e tantas outras que não nomeiei por pura sequelagem) - que a arte despojada de sua arrogância é uma estratégia interessante para criar condições de possibilidades ao estranhamento, à crítica, à ação e à reação.

Poder, por exemplo, falar sobre direitos humanos usando outras linguagens além do megafone ou de duas horas de palestra em uma conferência; poder estar na rua com a arte, a música, a poesia, o teatro, o cinema, a intervenção, a performance - tem me possibilitado de maneira mais fluida mobilizar as pessoas que queremos.

E aprender a reconhecer também a potência dessas comunidades e pessoas e suas incursões artísticas. Reafirmar a arte feita por indígenas e quilombolas artistas como arte e o direito que estas comunidades têm de terem seu acervo artístico dentro da comunidade e não recluso em um museu da Europa ou de qualquer outro país rico.

Eu não estou falando daquele discurso da arte engajada, como espécie do gênero arte, mas de arte, que em um momento foi música de protesto, em outro foi grafite e performance em todos. Ou seja, eu estou falando de causar estranhamento, mesmo por 2 segundos, se for já estará valendo, se a gente consegue causar estranhamento por 5 minutos já está valendo.

Então hoje a SDDH tem o café com direitos humanos, eu acho o termo meio quadradinho, porque é uma luta dentro de instituições tradicionais, no entanto vamos tentando, ainda que pela via da institucionalidade, propor essa nova linguagem, ou melhor, essa outra linguagem, que não é nada de nova, mas na verdade apenas conta com novos aparelhos tecnológicos.

E é uma luta se desprender, é uma luta fazer o velho militante operar um notebook, um datashow, uma câmera de celular (dependendo de quem ler isso essas coisas já serão antiquadas) . Também a apropriação da tecnologia por nós certas mulheres, que temos medo ou não temos acesso à tecnologia, porque esse é um lugar masculino.

Participei de um evento com 350 mulheres e a professora palestrante solicitou a presença “do rapaz responsável para ligar o datashow”. Uma menina do interior lá de Moju/PA disse “professora, nós somos 300 mulheres, por que a senhora está chamando por algum rapaz... Eu sei ligar o datashow!”.

Se não é possível falar em revolução ainda, vamos causando fissuras, de estranhamento, do reconhecimento de diversos paradigmas como igualmente válidos e dignos. Não cabe a essa realidade um paradigma que separa o sujeito do objeto; o a pessoa da natureza... Falávamos de porosidade, ontem de porosidade... Eu tenho a pretensão de criar aqui alguma uma porosidade, se alguém vem junto, se a cena é coletiva, caótica, diversa e divertida melhor ainda!.

